

ILUSTRAÇÃO



4.º ANO

Lisboa, 1 de Agosto de 1929

PREÇO

NÚMERO 87

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

4\$00



V
E
R
A
M
O
N

60334604



Tubos de
10 e 20 compr.

O seu melhor amigo

é o Veramon porque faz desaparecer as doenças próprias do sexo feminino, acalmando a dor e restabelecendo o bemestar geral e o bom humor. — Se o mal se agravar, não deixe V. Ex^a de consultar, a tempo, o médico; mas, de momento, evite o sofrimento empregando o Veramon, que é inocuo e eficaz.



**COMODIDADE E HIGIENE
NA VOSSA CASA**

ASPIRADORES { COM APLICAÇÃO
PARA TODA A LIM-
PEZA NUMA CASA

FRIGORIFICOS { SEM MOTORES, SEM BARU-
LHO, SEM VIBRAÇÃO

FILTROS PARA AGUA { LIVRA A AGUA QUIMICAMENTE
DE TODAS AS IMPUREZAS

ENCERADORES { DÃO IMEDIATAMENTE UM BRI-
LIANTE LUSTRO AO CHÃO

Praça dos Restauradores, 72

Telefone N. 4157

LISBOA

Electrolux

Avenida dos Aliados, 9

Telefone N.º 2033

PORTO



Os Soberanos do Organismo!

O estomago, o figado e o intestino dominam soberanamente no nosso organismo. Assegure-lhes o seu funcionamento normal tomando todos os dias um pouco de ENO's "Fruit Salt", laxativo muito suave e puro, não contendo nem sal mineral purgativo, nem assucar.

O ENO preserva-nos das enxaquecas, das azias e da prisão de ventre, origem de tantas doenças. Todos podem tomar o ENO sem receio; meio seculo de sucessos são sufficiente garantia da sua efficacia.

Uma colher das de café num copo d'agua, de manhã e á noite.

Depositaris em Portugal:
ROBINSON, BARDSLEY & C^o. LTD.
8, Caes do Sodré, Lisboa.

As palavras "Fruit Salt" - "Sal de Fructa" e "Eno", assim como o rotulo, são marcas da fabrica registadas.

SAL de FRUCTA

ENO

"FRUIT SALT"

"A venda em todas as farmacias, em frascos grandes e pequenos."



NÃO USO SENÃO O «CREME SIAMOISE»

Adoro-o, diz M.^{lle} Mistinguett, do Moulin Rouge, de Paris

Ninguém conhece melhor os produtos de beleza do que Mademoiselle Mistinguett, que todos tem experimentado. Pois bem! É o «Crème Siamoise» que Mademoiselle Mistinguett usa hoje, e que, no seu entusiasmo, afirma:
 «Para a noite, o «Crème Siamoise» de noite é maravilhoso porque tira todo o pó e impurezas que obstruem os poros.
 «Quanto ao «Crème Siamoise» de dia, dá ao rosto um esplendor e uma frescura incomparáveis».
 Assim fala Mademoiselle Mistinguett e tal é a opinião de todas as senhoras que usam o «Crème Siamoise», de Jean de Parly.
 É a última novidade parisiense que agora está á venda em todas as boas casas.

Agentes gerais para Portugal: JERONIMO MARTINS & FILHO, Rua Garrett, LISBOA



Alistam-se no Regimento da Saude!

Depositaris gerais para Portugal e Colónias:

ROBINSON, BARDSLEY & C.^a L.^{da} — Cais do Sodré, 8 — LISBOA

Os Tres Melhores
APPARELHOS
de
photographia
estereoscopica

Jules Richard

VÉRASCOPE
45-107. 6-13 7-13

GLYPHOSCOPE
45-107 6-13

HOMÉOS
27 VISTAS SOBRE PELLÍCULAS

ENVIÁ-SE O CATALOGO AQUEM O SOLICITA

S^{te} A^{me} des E^{ts} JULES RICHARD. 25 RUE MELINGUE
MAGASIN DE VENTE 7, RUE LA FAYETTE PARIS

Chrysler

Em 1929 como em 1928 5 ROADSTERS "75", absolutamente de serie em motor, em chassis, em carrosserie, silenciosos e confortaveis, tomaram parte nos mais dificeis circuitos da EUROPA durante 24 horas

NO «LE MANS»

Mais de 103 quilom. por hora durante as 24 horas, sem um desfalecimento, sem a mais pequena interrupção.

Vinte e três carros principiaram, incluindo 2 CHRYSLER, — 10 carros apenas acabaram a prova, incluindo os 2 CHRYSLER, com os 3.º e 4.º lugares para a classificação da QUINTA TAÇA RUDGE WHITWORTH.

Só carros de motores maiores e de elevado preço passaram adiante dos 2 ROADSTER «75», que despertaram o interesse e entusiasmo dos espectadores pela rapidez, silencio e regularidade da sua marcha.

Chrysler não fabrica carros de corrida e entrou pela segunda vez nestas duas difficilimas provas com modelos de rigorosa serie, provando enfaticamente as suas altas qualidades de construção, a sua rapidez inequalavel, e a maravilhosa regularidade da sua marcha

CHRYSLER PARA OS AUTOMOVEIS!!!

Para entrega immediata todos os modelos de 6 cil. abertos e fechados «65» e «75»
Tambem modelos «PLYMOUTH» e Camionetes «FARGO»

A. BEAUVALET — Rua 1.º de Dezembro, 137 — LISBOA
A casa de automoveis mais antiga do país

EM SPA

Prova ainda mais difficil do que a de MANS — subidas mais ingremes, curvas mais apertadas — Velocidade aturada de 91 quilom. à hora durante as 24 horas do percurso, apesar da chuva torrencial que caiu durante toda a noite.

Dos 10 carros de capacidade superior a 3 litros que principiaram apenas 4 acabaram, **CHRYSLERS-PRIMEIRO, SEGUNDO e TERCEIRO**, ganhando assim a taça DE BUCK pela segunda vez.

Dos 38 carros que principiaram esta prova, dos quais 4 CHRYSLER, apenas 15 terminaram, obtendo os 3 CHRYSLER as melhores classificações da sua categoria.

PARIS PARA AS MODAS!!!

Produtos da CHRYSLER MOTORS

ANGEL BEAUVALET — Rua de Santa Catarina — PORTO

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: MADAME CAMPOS

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA

Os Dentifricios de GELLÉ FRÈRES PARIS



Conservam-lhe :
Uma maravilhosa
dentadura.
A beleza de sorriso.
A brancura dos dentes.
O alito perfumado.

Eles lhe darão tudo isto.
Não queira outros.

A venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIS STETTEN & C. Lda. 118 RUA DA MADALENA LISBOA

« O excesso de ácido úrico é perigoso para todos, porque provoca um envenenamento do sangue. É o principal causador do Artrismo. É uma verdadeira grilheta que se póde arrastar toda a vida. O tratamento mais eficaz, fácil e económico consiste em usar sempre a água preparada com

Lithinés du Dr Gustin

É o melhor regime a seguir, por sãos e doentes, para se preservarem das afecções produzidas pelo excesso de ácido úrico, como:

Reumatismo, gôta, calculos, colicas nefríticas e hepáticas, sciática, diabetes, etc.

Sómente por esta forma se evitará o envenenamento urático e suas consequencias.

Acido urico



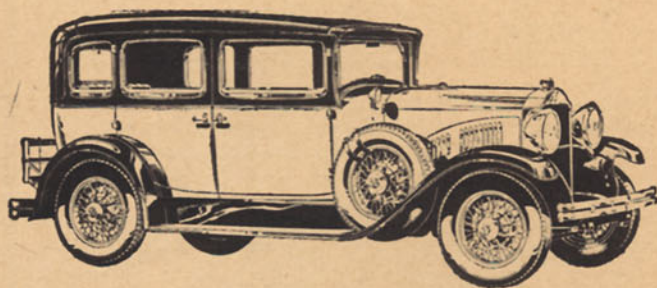
Não confundir com as imitações.

O NOVO REO «FLYING CLOUD»

BATE O «RÉCORD» DA QUALIDADE



NA CATEGORIA DOS AUTOMÓVEIS DE PREÇO MÉDIO, SUPERA OS DE PREÇOS ELEVADOS EM VELOCIDADE, CONFORTO E RESISTÊNCIA



Carrosseries de elegância e conforto
Motor de 6 cilindros
Amortecedores hidráulicos à frente e atrás
Apoio das molas em borracha virgem
Travões hidráulicos às 4 rodas

Facultam demonstrações e agradecem uma visita os

REPRESENTANTES :

CONTRERAS & GARRIDO, L.

AVENIDA DA LIBERDADE, 165 a 171

TEL. N. 789—LISBOA



A SAUDE E TODO O FUTURO
DOS VOSSOS FILHOS

DEPENDEM DA SUA ALIMENTAÇÃO

A FARINHA NESTLÉ

É O MELHOR ALIMENTO PARA CRIANÇAS. Cuidadosamente malteada, rica em leite e em vitaminas, a FARINHA NESTLÉ contem os elementos indispensaveis para a formação dos musculos e ossos das crianças.

Peçam amostras à Filial em Portugal da

NESTLÉ & ANGLO-SWISS CONDENSED MILK CO. — Rua Ivens, 11-13 — LISBOA





- Que perguntas!
- Quando voltardes, abandonareis na praia o vosso fato de banho? Os vossos sapatos brancos? O romance em moda?
- Não, decerto!
- E a raquette de tennis? Os utensilios de pesca? A bicicleta? O automovel?
- Mas, decerto que não! Que pergunta!
- Pois bem! Porque deixareis no olvido, estas encantadoras semanas de férias? Sem um "Kodak", esquece-las-heis infalivelmente!

As férias passam ficam as vossas fotos "Kodak"

Só as vossas fotografias "Kodak" serão as indiscutíveis testemunhas destes instantes preciosos entre todos, e que tão depressa acabam. Pensai com que prazer as mostrareis aos vossos amigos! Pensai com que alegria, vós mesmos, as vereis mais tarde!

*Apenas alguns minutos bastam para
aprender o manejo d'um "Kodak".*

Em todas as boas casas de artigos fotográficos encontrareis uma pessoa competente que vos mostrará a superioridade dos Aparelhos "Kodak".

Para resultados garantidos adquira:

Aparelho "Kodak".
O "Kodak" possui sómente os órgãos e acessórios indispensáveis para que o amador obtenha desde o início as melhores fotografias.

Película "Kodak".
A Película "Kodak" - em embalagem amarela - é a vossa mais segura garantia de que obtereis os mais completos resultados.

Papel "Velox".
O Papel "Velox" permitir-vos ha obterdes as onelhores provas dos vossos negativos. Exija o nome "Velox" impresso no verso das provas.

Kodak Limited, 33, Rua Garrett, Lisboa.

Pós de Arrôz } "Marquitta"
 de NALLY
 e "Benâmôr"



Verdadeiros
 produtos de beleza que a
 mulher elegante e moderna prefere!

Impalpaveis e d'uma aderencia scientificamente regulada excedem em apresentação e qualidade o que de melhor se encontra á venda de qualquer marca mundial, igualmente de grande fama!

Inimitavelmente perfumados, vendem-se nas suas originaes e artisticas caixas e em todas as côres da moda.

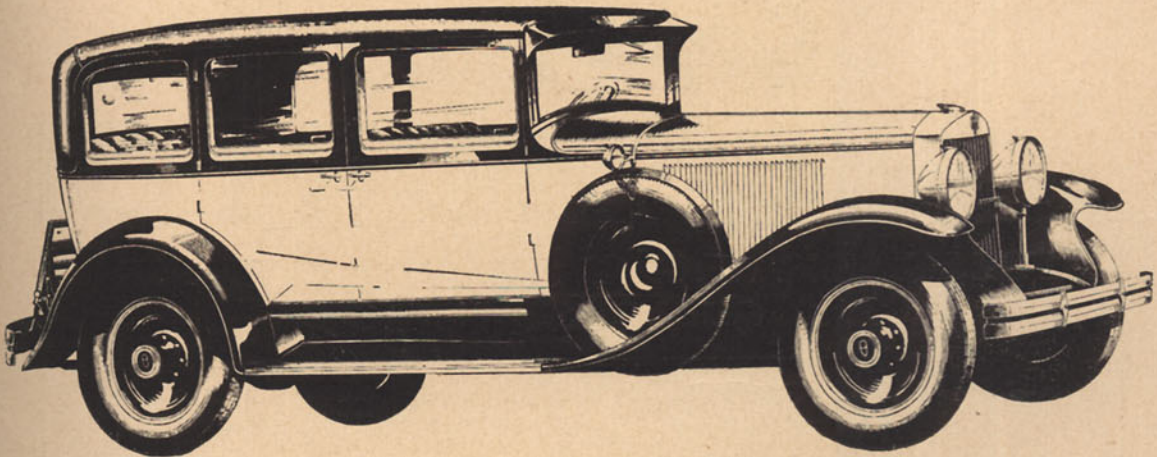
A ÚNICA NOVA SENSACÃO DO AUTOMOBILISMO



A GRAHAM-PAIGE oferece uma variedade de tipos de carroceria, incluindo Roadsters, Cabriolets, Coupés e Carros de Turismo, em cinco chassis, de seis e de oito cilindros — a preços diversos. Todos são equipados com a mudança de quatro velocidades, excepto o Modelo 612.

OS possuidores dos automoveis Graham-Paige dizem sempre que a unica nova sensação no automobilismo que elles têm experimentado nos ultimos annos é o extraordinario funcionamento da mudança de *quatro velocidades* (duas altas velocidades silenciosas — mudança *standard*). A suavidade e rapidez da *quarta*, usada a maior parte do tempo, e a rapida acceleração da *terceira*, de engrenagem interna silenciosa, só podem ser apreciadas por uma experiencia pessoal. Convidamos a V. Ex.^a para guiar um dos *novos* modelos de seis ou oito cylindros.

*Joseph D. Graham
Robert B. Graham
Ray A. Graham*



SEDAN MODELO 827 PARA CINCO PASSAGEIROS

Representante geral para Portugal: **J. COELHO PACHECO**

21, Avenida da Liberdade, LISBOA—*Salão de Exposição e Serviço*, 90, Rua Braancamp, 94 — Tel.—(P. B. X.) N-2595

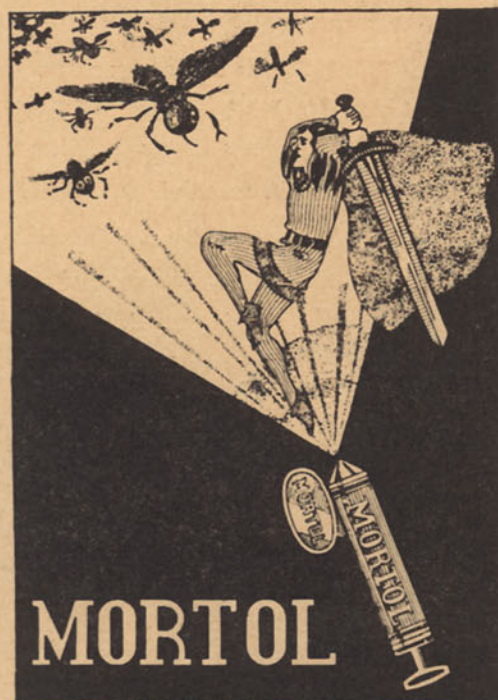
Agentes no Porto: MANUEL DA SILVA CARMO & C.^{TA} L.^{DA}—129, Rua de Santa Catarina, 133

GRAHAM-PAIGE

**EIS O INSECTICIDA LIQUIDO
POR EXCELENCIA**

MORTOL

(MARCA REGISTRADA)



O INSECTICIDA MORTOL

**POSSUI UMA EFICÁCIA DE 30 % SUPERIOR
A QUALQUER OUTRO**

A' venda nas principais drogarías, mercearias, etc., e por grosso na

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.^A LTD

SHELL

RUA DO CRUCIFIXO, N.º 49

Delegações em Porto, Coimbra e Faro

Agencias em todo o Pa

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Provisão)

Telef. N. 873

ANO 4.º — NÚMERO 87

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR :

JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DE :

EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE

E

AILLAUD LTD.*

ADMINISTRAÇÃO

R. Diário de Notícias, 78

Telef. : T. 821 a 824

1 DE AGOSTO DE 1929



PRAIAS... «DERNIER CRI» — EM TEMPOS QUE JÁ LÁ VÃO, ORGANIZAVAM-SE VILEGIATURAS QUE, INVADINDO AS PRAIAS, TINHAM POR FITO APROVEITAR OS TERAPÊUTICOS «BANHOS DE MAR». HOJE, EM VEZ DE «TOMAR BANHOS», NAS PRAIAS DE TODO O MUNDO, «TOMAM-SE... *colitas*»... É O QUE FAZ A GENTIL «DIVETTE» BEATRIZ COSTA, SURPREENDIDA POR SALAZAR DENIS NUM REPASTO ABUNDANTE À BELHA-MAR, NUMA PRAIA ARISTOCRÁTICA DA COSTA DO SOL



CRONICA DA QUINZENA



Têm ouvido falar da crise do cinema?... Com certeza que sim, como têm ouvido falar da crise vinícola, da crise dos cereais, da crise da ordem, da crise europeia, da crise de todas as actividades e indústrias que se exercem prósperamente à superfície da terra. Há crise no cinema, porquê? Algum tanto porque o teatro e o *music-hall* se obstinam em reter nas suas plateias uma dúzia de espectadores incorrigíveis; porque a literatura novelesca, a doze francos o romance, ocupa ainda parte dos ócios da costureira, da bela madame quando não recebe ou não viaja de automóvel, das pessoas de mais de quarenta anos, que beberam os ventos intelectuais do século XIX, e do homem de paz e de bons costumes; porque há ainda gente para ouvir um recital de órgão; para moer a noite nos cafés; para jogar a bisca; para deambular nos boulevards, e para deixar ao tempo, ao velho calvo que desliza, pés descalços, sem se ferir, pelo gume da navalha de barba, o cuidado de matar o tempo. O cinema desceria o império absoluto, esganando dum vez para sempre o teatro enfático e o teatro bregeiro, a literatura recreativa e a lírica, a enervada e inócua pasmaceira, a tertúlia e mais dispersivas e anacrónicas atrações do homem civilizado. Para isso abriu salas em cada rua, em cada vila e aldeia, e os *studios* elevaram-se ao aparato e grandeza de imensas e poderosas fábricas. Cabe lá o mundo todo, como antigamente nas catedrais; Chaplin, Douglas Fairbanks, Pola Negri, Mary Pickford, são os ministros do culto novo, mais enfeitados de dotes físicos que os deuses do Olimpo. As receitas são colossais... e todavia não basta, não é tudo. Porquê?

Na América, para contrabater o crescente retraimento do público, criou-se o filme sonoro. Ficou coisa tão sincrónica e perfeita como o teatro; mais do que scena, possui o movimento sem limitação de espaço e a mutabilidade contínua do meio. Uma fita custa somas fabulosas. Estudam a maneira de lhe associar o *jôgo* de volumes e de cores e não será já uma interpretação da vida mas um traslado da vida como se nos depara a cada passo na *jungle* da sociedade moderna.

Os empresários de Hollywood esperam assim prender o espectador, ou antes, criar o hábito do filme, tornando-o tão fisiológico ou inveterado como o de tomar a chicara do café, lavar a cara, ir à missa, ver as horas. Embora tal esforço tenha pelo mundo uma feliz repercussão, obrigando cada país a ter o seu cinematógrafo nacional ou a não ter cinematógrafo nenhum, parecem-me pouco psicólogos os americanos. Nada mais enfadonho e mirrado que a arte com «três dimensões». O homem bocejou e bocejará sempre na ilha de Calipso, isto é, ante a perfeição. Nada mais empolgante que o mistério, nem

mais envolvente que o inacabado. O segredo de muitos encantos está nisto, senão apenas nisto. Quando o cinema perder o mistério que lhe vinha do silêncio das suas personagens; quando estas falarem, impedindo o espectador de falar por elas para com os seus botões; quando destacarem do transparente, angulosas e verticais como na rua; quando se colorirem com a cromática toda que resta à imaginação do espectador, à sua inteligência, ao seu papel de anónimo comparsa? Que fica lá d'êle nessa cópia *ipsis verbis* da vida dos outros? O cinema, nessa altura, tornar-se-há uma arte aberta, sem limbos, monotona como um aquário e prosaica como a Vénus de Nilo com braços. Porventura reconquistará a clientela, mas não mais ilaqueará os delicados como ao tempo em que era o monocórdico desenrolar duma historieta. Como forma de arte terá vivido. Devassada, ao alcance do vulgo, que lhe conhecerá todos os *trucs* e quindins, sem vago, sem indefinido, cumulará as aspirações mentais das grandes massas. As letras, o teatro, que nunca perderão o seu quê de factura hermética, voltarão ao fulgor e engodo antigos, e será um lucro contra um prejuízo na balança do progresso humano.

Nos últimos tempos o maior inimigo do cinema europeu, á parte o russo, que nunca pactuou com o gosto do público, sabemos nós que não era a concorrência dos americanos, mas a sua soporífera e desoladora banalidade.

Neste particular, os franceses tinham a palma. O espírito dos seus filmes roçava pelos romances de Georges Ohnet, Dekobra, e as pachochadas de Labiche. Ainda quando adaptaram *Stendhal* ou *Zola*, não perdiam de vista o padrão.

Em conformidade haveria que rebuscar a influência social do cinema francês no sentido das ideias e das paixões expostas por tais autores. Que ela seja superior à da escola, se sobreponha às forças tradicionais, é temerário inferi-lo pelo balanço duma geração, que a tanto atinge a idade do cinematógrafo. Mas esse figurão que para af corre, desmiolado como um frango e vistoso como um uístiti, que não tem outro ideal que gozar a vida, que não orienta a sua acção para outro objectivo que enriquecer, precocemente vicioso, decerto que foi parainfado pelos Rodólfos Valentinós do *écran*. Da mesma maneira a menina moderna aprendeu o ar andrógino, os ademanos, os *tics* das *stars* célebres. Foi o cinema que introduziu

em Portugal o beijo à *pleine bouche*, beijo de que nunca falaram os romancistas mais perversos e que enchiera de horror as velhas gerações de tias educadas nos recolhimentos de freiras.

De certo o cinema foi por outro lado um agente de democratização por excelência; casamentos de *businessman* com a dactilógrafa só o filme americano ousou romantecá-los; igualmente, amores de príncipes e de pastoras ou de pastores e princesas, depois da novela bucólica do século XVI, tinham caído em desuso. Até certo ponto, o cinema ensinou ainda o desprêso do perigo e o culto das belas formas, o que foi, fóra de dúvida, uma virtude, mas criou um tipo de galã, parado, cara dura, pobre de ideias, rico de rastaquouerismo e uma forma de elegância yankee glabra, fatal, que escapou aos estetas de todos os tempos, e nos nossos climas europeus só pode ser envelope de aventureiro ou mariola. Estes tipos têm provocado o desespero e a queda de muitos Celadons e de muitas Ofélias, desmanchados da sua inclinação pelo paradigma raro da beleza cineasta.

Foi ao serviço da cultura geral um óptimo veículo, de modo que seria absurdo condená-lo em nome da moral. A moral que lhe propagou sim, é que é condenável. Mas não se afugue a ninguém que pronunciamos aqui o pauegráfico duma arte morta. O cinema entra, apenas, em nova fase, da qual somos, em nossa consciência, maus augures. Quando uma arte assim trashorda sobre as outras, tentando escravizá-las, e a sua técnica atinge o ponto morto do apogeu, não tarda que decline.

Ultimamente exhibit-se nos Campos Elísios uma companhia italiana de *marionettes*. Eram estas prodigiosas de movimento, dando quasi sempre a ilusão da vida. Faltava-lhes para serem actores como na *Comédie* ou na *Opera* a estatura. No resto, mimica, geito, andar, vozes, eram duma similitude flagrante. Ao fim, perguntava-se ao espectador: é isto o Guinhol? O Guinhol, com o Roberto esportíssimo e o gendarme amachueado à pancada, eram outra coisa, figuras tóscas, com movimentos sintéticos, falando pela garganta roufenha do pantomimeiro. E, todavia, este palco de bonecos, manobrados por grossos cordeis, tinha mais encantos que o sábio teatro dos *piccoli* dos Campos Elísios.

E lembra-me aquele episódio de *Petit Pierre* quando, de manhã na cama, com os cinco dedos representava as farsas maravilhosas e imaginativas duma companhia inteira de saltimbancos. Um belo dia lembrou-se de caracterizar o seu elenco, desenhando olhos, narizes e bocas nas cabeças dos dedos. E foi o desastre. Os figurantes desapareceram para nunca mais do tablado mágico de Pierre.

AQUILINO RIBEIRO.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

ACTUALIDADES



EM CIMA, à direita: — Chegada no aerodromo de Sintra da esquadilha de aviação francesa sob o comando do general de Goys e que veio oficialmente cumprimentar a nossa aviação. Os aviadores da missão com os seus camaradas portugueses.



NO OVAL, à direita: — O general de Goys recebendo os cumprimentos dos aviadores portugueses, logo após a chegada e aterragem em Sintra.

EM BAIXO, à esquerda: — Partida de Le Bourget da missão de aviadores franceses que veio saudar a aviação portuguesa. No grupo, o general de Goys e o nosso ministro em Paris, comandante Gama Ochôa.



NO MEDALHÃO: — Sua excelência Reverendíssima o sr. D. António, Bispo de Bragança, ministrou na capela de Nossa Senhora de Jerusalém, no Romeu, propriedade da Sociedade Clemente Meneres, a 1.ª comunhão às crianças e a crisma a mais de 300 pessoas. — S. Ex.ª Reverendíssima, que foi hóspede da casa Meneres, nos Jardins da mesma casa do Romeu, tendo no lado direito o sr. capitão Tomás Fragoso, governador civil de Bragança.



NO OVAL, à esquerda: — Inauguração, no novo miradouro de Santa Luzia, do formoso busto de Júlio de Castilho, o apaixonado artista da «Lisboa velha», monumento erguido por uma comissão de ilustres admiradores do falecido escritor. — (Foto Salazar Dinis)

OS EXERCÍCIOS DAS NOSSAS FORÇAS LIGEIRAS NAVAIS DEMONSTRARAM MAIS UMA VEZ O VALOR DOS MARTHINEIROS POR

Terminou a primeira parte das manobras que uma divisão ligeira da nossa esquadra realizou na costa de Portugal e no estuário do rio Sado (porto de Setúbal-Troia).

A divisão era constituída pelos seguintes navios: contra-torpedeiro *Tâmega*, arvorando o distintivo do comandante em chefe capitão de fragata sr. Eduardo Maria Soares; contra-torpedeiro *Foaga*, *Guadiana*, torpedeiro *Aze* e canhoneira *Beira*, navio-base.

Realizaram-se exercícios de tiro reduzido, exercícios de lançamento de torpedos, exercícios de fogo com cargas de combate e evoluções para adestramento do pessoal.

O efectivo da divisão era de 22 officiaes e cerca de 400 sargentos, cabos e marinheiros.

Os artilheiros dos três contra-torpedeiros e do torpedeiro, realizaram no estuário do Sado, em frente da praia de Troia, exercícios de tiro reduzido que serviram para mostrar, mais uma vez, perante o país, o valor dos nossos marinheiros.

Fizeram-se milhares de tiros, sendo verdadeiramente notável a grande percentagem de fogo certo. Os alvos encontravam-se collocados a 400 e 800 metros de distancia.

Os lançamentos de torpedos foram dirigidos pelo capitão-tenente especializado, sr. Carvalho Crato. A bordo dos navios da divisão foram feitos os seguintes lançamentos: no contra-torpedeiro *Tâmega*, quatro; no contra-torpedeiro *Foaga*, dois; no contra-torpedeiro *Guadiana*, quatro, e no torpedeiro *Aze*, quatro.

Os torpedos foram regulados, uns para 1.000 e outros para 3.000 metros, verificandose em todos a maior perfeição e completa obediência ás manobras executadas.

O torpedeiro *Aze* realizou exercícios de artilharia, com cargas de combate, ao largo do cabo Espichel, verificandose magníficos resultados.

A divisão ligeira realizou no Atlântico evoluções, efectuando exercicios para mudança de formatura, passando successivamente de columna a linha e finalmente á escarpa.

A bordo do navio-chefe da divisão seguiu o operador cinematográfico António Leitão, encarregado de fazer um filme das manobras.

Durante os exercicios de torpedos duas esquadilhas de hidro-aviões da base de Lisboa, visitaram o porto de Setúbal, realizando também sobre os navios de guerra interessantes evoluções.

A canhoneira *Beira* conduziu a seu bordo os officiaes especializados e os mecânicos, que foram assistir aos lançamentos de torpedos.

As manobras, ás quais por uma deliberação especial do ex-ministro da Marinha, sr. comandante Mesquita Guimarães, e do Chefe do Estado-Maior Naval, sr. almirante

1—O navio-chefe da divisão ligeira, o contra-torpedeiro *Tâmega*. 2—A esquadra mais perto da esquadilha, o torpedeiro *Aze*. 3—O comandante em chefe da divisão, o sr. Eduardo Maria Soares de Brito, e o comandante Carvalho Crato, do esquadra de torpedos. 4—O com. Carvalho Crato e os officiaes especializados em torpedos.

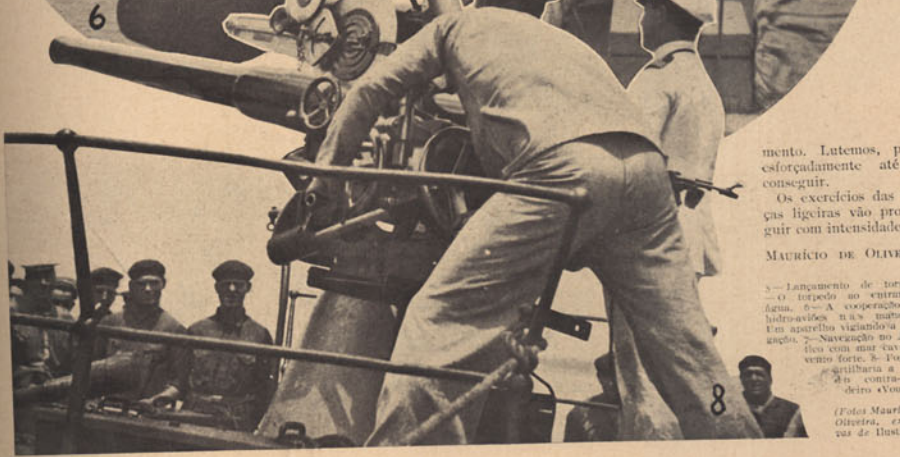
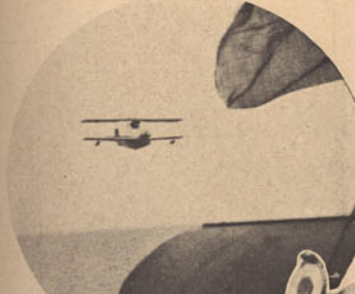
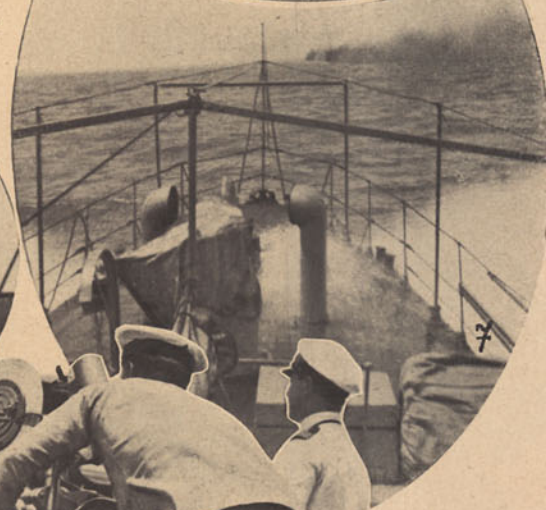
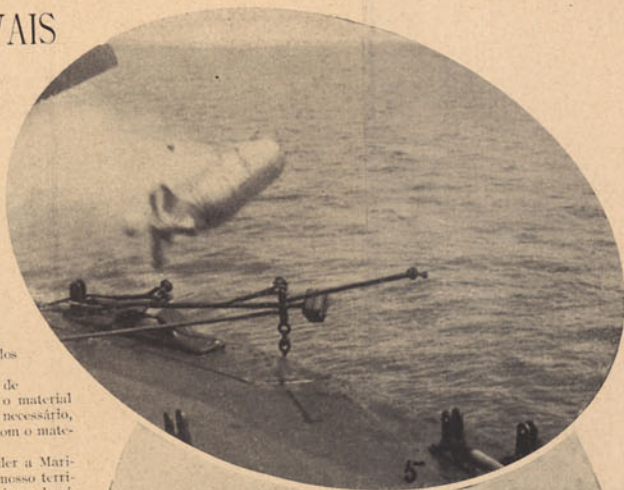
(Fotos Maurício de Oliveira.)

AS LIGEIRAS NAVAIS O VALOR DOS MARTHINEIROS POR

Azevedo Continho, podemos assistir a bordo do torpedeiro *Aze*, deixarmos-nos as mais gratas e inolvidáveis recordações. O valor indiscutível, a vontade de trabalhar dos marinheiros, a sua competência técnica, a sua disciplina e o amor aos seus navios, dos officiaes, o auxilio indispensável dos sargentos, tudo tivemos occasião de verificar, durante o periodo de tempo que fomos hóspedes da officialidade do torpedeiro *Aze*: 1.º tenente sr. José Rodrigues Cosme, comandante; 2.º tenente sr. José Mendes da Rocha Zagalo, imediato, e 3.º tenente sr. Manuel António Gonçalves Júnior chefe dos serviços de máquinas.

Proxim-se, mais uma vez, que a Marinha de Guerra Portuguesa, produz o máximo com o material mínimo. Torna-se, portanto, absolutamente necessário, dotar essa gloriosa e sacrificada corporação com o material digno dos seus servidores.

Não nos esqueçamos nunca de que defender a Marinha de Guerra é defender a integridade do nosso território continental e a vida dos nossos vastissimos domínios ultramarinos; pugnar pela Marinha é, em suma, pugnar pelo nosso progresso, pelo nosso engrandecimento.



mento. Lutemos, pois, esforçadamente até o conseguir.

Os exercicios das forças ligeiras vão prosseguir com intensidade.

MAURÍCIO DE OLIVEIRA.

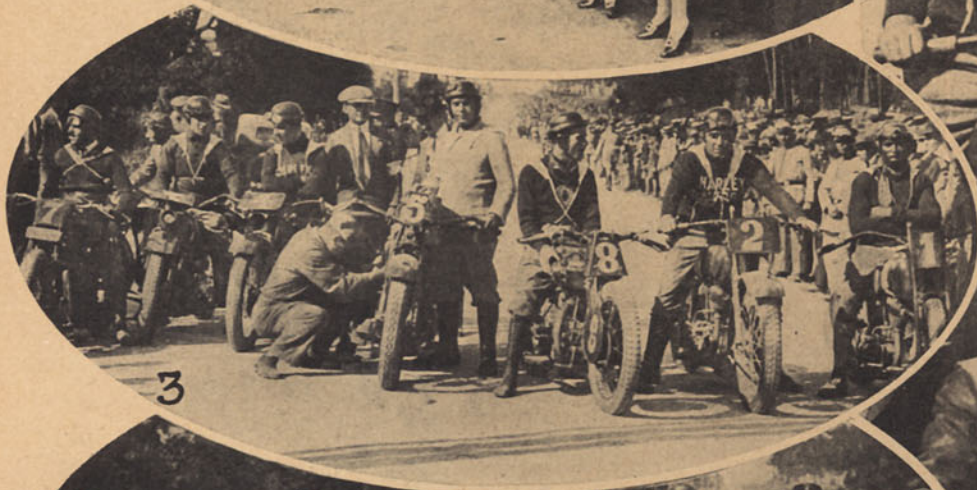
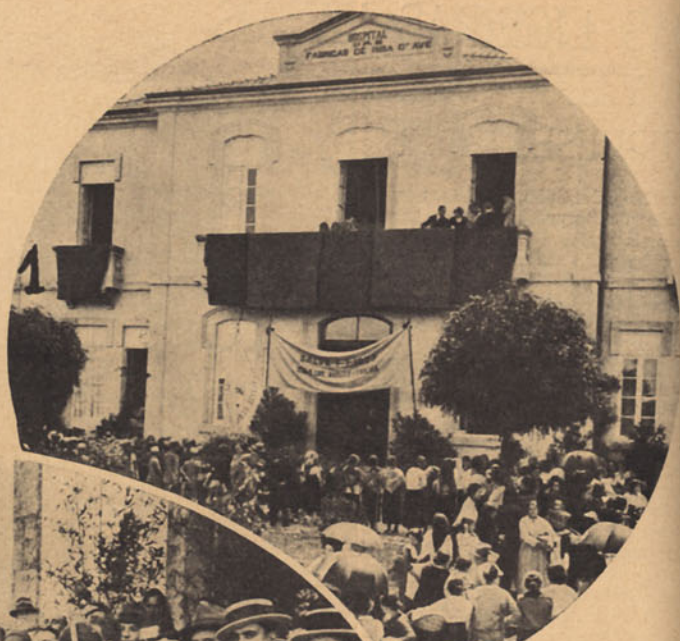
1—Lançamento de torpedos. 2—O torpedeiro ao entrar na água. 3—A cooperação dos hidro-aviões n.ºs manobras. 4—Um avião voando a navegação. 5—Navegação no Atlântico com uma travada e vento forte. 6—Fogo de artilharia a bordo do contra-torpedeiro *Foaga*.

(Fotos Maurício de Oliveira, exclusivas de Illustração)

REPORTAGEM NORTENHA

1 -- Aspecto da grande homenagem prestada pelo comércio e povo da região ao grande industrial e benemérito de Riba de Ave, sr. Narciso Ferreira. O povo ante o hospital com o que o filantropo dotou o seu operariado. 2 -- Altas individualidades rodeando o grande homem de bem Narciso Ferreira (x), por ocasião de lhe serem impostas as insígnias das Ordens do Mérito Agrícola e Industrial de Benemerência. 3 -- Campeonato motociclista nacional, no Pôrto. Partida para a categoria de profissionais. 4 -- O vencedor da corrida de profissionais, sr. Joaquim Silva. -- 5 Partida para a corrida de amadores, em motocicleta. 6 -- O vencedor da corrida de amadores, sr. António Ferreira Dias

(Fotos Alvaro Martins.)



FIGURAS — DO — MOMENTO



EURICO TOMÁS DE LIMA

JÓVEM concertista que terminou no Conservatório o curso de virtuosidade de piano com a brilhante classificação de «distinção e louvor». É discípulo de Viana da Mota.



JAIME SILVA FILHO

ANTIGO discípulo de Rey Colaço e actual aluno de Viana da Mota, que acaba de receber a mais alta classificação no seu exame final do Curso de Virtuosidade de Piano, no Conservatório.



TEIXEIRA DE PASCOAIS

O altíssimo poeta português cuja obra de maravilhosa poesia está sendo reeditada, em versão definitiva e com o mais entusiástico acolhimento pelo seu inalterável valor.



EDJNA MOJGOUL

BAILARINA polaca, um ídolo parisiense, que morreu, trágicamente, num desastre de automóvel, em Itália.



ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

DIRECTOR e organizador da monumental *História da Literatura Portuguesa, Ilustrada*, de que está publicado o final do primeiro volume, obra de rara elevação e êxito clamoroso.



MAESTRO LUIS SILVEIRA

IUSTRE violinista e apaixonado regente do soberbo Orfeão Scalabitano, um dos grupos corais mais notáveis do nosso país e que obteve um grande êxito nas suas recentes exibições em Lisboa.



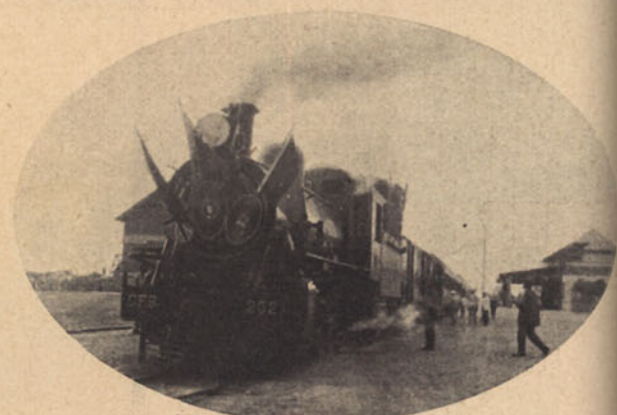
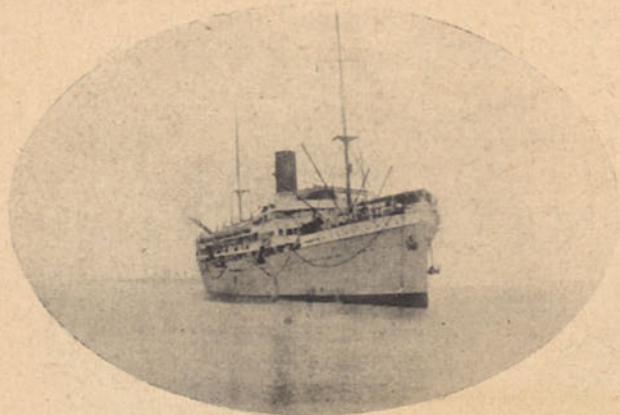
O ENGENHEIRO LA CIERVA

FILHO do eminente político espanhol e inventor do «Auto-giro» do seu nome, há pouco apresentado aos aviadores portugueses.



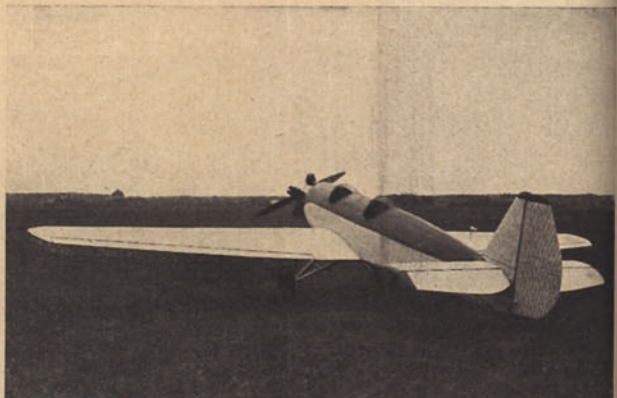
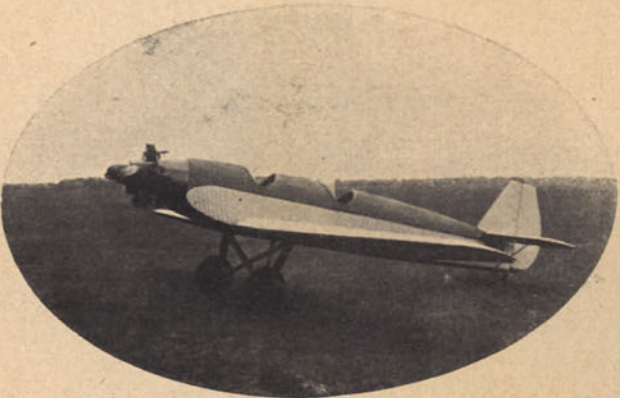
O COMANDANTE PAUL GAMA

CÉLEBRE avião francês que, com o com. Weiss e o general de Goys, visitou Lisboa num belo passeio aéreo da sua esquadilha.



A INAUGURAÇÃO DO CAMINHO DE FERRO DE BENGUELA. — No oval, à esquerda e em cima: — O «Angola», que transportou a Angola o sr. engenheiro Lucelar Belbiano, então ministro das Colónias, entrando no Porto do Lobito entre o caucimbo. — Em cima, à direita: O «Angola», empavezado, atracado à ponte-cais do Lobito, depois do desembarque. — Em baixo, à esquerda: O sr. engenheiro Lucelar Belbiano (1), Comandante Filomeno da Câmara, Alto-Comissário em Angola (2), e Engenheiro Armando Z. Cortezão, agente geral das Colónias (3), com a sua comitiva, desembarcando sob o caucimbo no Lobito. — No oval, da direita: O comboio especial da inauguração na estação da Catumbela. — (Fotos País Pinto)

(N. da R. — Estas fotos, cuja publicação um incidente técnico impediu no número passado, são hoje publicadas apesar de terem perdido a oportunidade, pois deve ser arquivado nas nossas páginas um facto de importância mundial da inauguração do caminho de ferro de Benguela).



EM CIMA, no oval da esquerda e à direita: — Dois aspectos dum novo aeroplano, maravilha da aviação, o «Junkers-Junior A. 50», o primeiro avião ligeiro totalmente metálico, de asa baixa «cantilever», com motor «Armstrong 80/88» CV., podendo transportar 2 pessoas e 30 quilos de bagagem, tendo um raio de acção de 5 horas, podendo percorrer, sem escala, 675 quilómetros

(Foto S. A. P.).



NO OVAL, à esquerda: — O «célere» auto-giro «La Cierva», que recentemente nos visitou, aparelho curioso que, por intervenção de uma hélice de eixo vertical, pretende ter resolução, em princípio, o problema da aterragem e dos campos de aterragem, visto estar apto a descer, quíbel verticalmente, num recinto bem limitado. O aparelho é de construção espanhola e inventado pelo engenheiro La Cierva

(Foto «Ilustração».)

MUSEU DO
PRADO
MADRID



TICIANO
SENHORA DAS DORES

DIÁRIO DE BORDO

Bordo do SS. «Lima», 21 de Setembro.

A vista da Madeira.

As observações do meio dia de ontem deram nimbos no céu, esgarçados alguns a meia abóboda, completamente barrados no horizonte os restantes.

Navegámos à latitude de 35° 21' N. e à longitude 21° 53' W. Vento W. SW. fresco, d'este que só o castelhano diz bem com esta palavra: ráfaga. Parece na verdade um pano que fraldeja sobre as cobertas e os mastros. Captam-no os ventiladores do porão para o gado opresso e casmurro, as armaduras baixas e melancólicas tocando-se, e parecem, êsses respiráculos de lona, gargalos cortados de avestruz, no movimento ofegante dum gargarejo infundável. O navio, que é estável, aparenta uma dobradoira na mastreação quasi inútil e, nas cavernas, um berço vasto, plácido, para os bebés de ficção que saem do mar tenebroso. É êste um ventre colossal e bondoso, — uma calote enorme, borrada de anil. Nos dias de calma, quando os salões desta planura se fecham, apenas um leve sopro enrugna a superfície: parece então uma barra de seda estendida. Mas o S. SW. retega-a, borda-a de rendas brancas que parecem arder, e começam então os horizontes falsos, os esboços da cordilheira alterosa, — a grande dança.

Este fenómeno do mar, a que se chama *carneiro*, é de uma beleza única: um fumegar de fósforo branco em fundo azul ferrete. Conveem melhor a estas côres os adjectivos morais e geométricos: o azul é espesso, severo, duma tintura aparatosa. Fora do sol incidente o mar é plumbacento: apático, nihilista. O branco é rápido, duma curvatura concêntrica e gasosa: lembra leite e cal derregada. Nutre e decora; é único.

O navio vai fendendo a planura com uma certeza potente. Abre. As vezes parece uma espátula: adorna um dos bordos, e dêsse lado alisa o pano da água.

Costeamos a Madeira; mas o tempo áspero e o céu sujo não deixam gozar-lhe o vulto. Aparece como um volume encardido na solidão do mar, e talvez porque viajo entre profusas malas, ao ter de compará-la só me recorda um baú.

Acabam de me dizer que se assemelha à

ilha de S. Jorge, vista da banda Norte. E esta. Além de baú, pode também figurar de baleote ou charuto. Mas tem escarpas muito mais altas e nítidas do que S. Jorge. É na base destas enormes calvas que, sobre plataformas acanhadas, as povoações mancham de branco o litoral. Hoje, não. Tudo o que noutros dias é gaze azul e relêvo, tornou-se fusco, apagado. Nem parece a Madeira, — tão serena, às vezes cheia duma crueza de jóia no brilho duro das rochas. A ilha está com frio: embiçou-se de pardo; não posso vê-la.

Funchal, 22 de Setembro.

Paisagem de fundo scenográfico, com fundilhos violáceos nas montanhas e um friso de duro relêvo ao alto, derramado. Sobre a direita as côres são mais distintas: há maior severidade nas sombras, e os verdes retintos, carnudos, gravam-se para sempre. Dominam aqui o claro-escuro e a mancha. No dorso de interminável declive os caminhos tortos serpeiam, dispõem-se em feiras.

A paisagem é de presepe: um fundo barrento e vivo de montanhas que o verde retinto endoa. Vista do mar, apresenta no friso das cumieiras um enrugamento alteroso, maciço, de nitidez potente e corcovada. Depois, as manchas vegetais seguem em planos fêrricos, por cujas intersecções derramam um matiz que vai do brônco ao plumbeo. São camadas amolgadas e razas duma verdura insistente. Adivinham-se para ali as plantas folhosas, porque são elas que certamente dão todo o primor ao quadro. O verde é pastoso, tão solidário que cada plantação parece uma só folha de bananeira ou de vinha. Abaixo, com suas touquinhas de telha cor de almagre, as casas derramam as frentes variegadas como brinquedos de Nuremberg. São elas que cantam no severo fundo orográfico a sinfonia da luz, — luz crua, viva, doce, semi-velada, (conforme) — e dão ao Funchal o ar de quem saiu do seio do mar a escorrer.

Interiormente, a cidade é um caprichoso delalado de pedra miudinha e sebosa. Deslisa-se. A calça branca do homem da padiola de vimes, a tez brônca das raparigas, os cachos de bananas do mercado, — têm um ar de gomma laca e de nito. O que por fora é esmalte parece gordura por dentro. Quasi

detestável. Costumes e flores. A-pesar disso, harmoniza-se. O chapelete do vilão é um canle de bananeira; os vimes e os bordados, decorativos: as cadeirinhas de quadrícula e em XXX; os panos de ramalhetes. Os próprios barcos a remos copiam as bananeiras; caserna verde com orla amarela nos bordos. A voz dos homens, por sua vez é ocosa.

Mal a manhã desponta do mar vivo, uma grande bandeira dourada cobre a Madeira e tremula. As côres são exactas, dum rigor catalogado de espectro. A Madeira é esta coisa impossível: uma esmeralda com brechas de diamante e orlas de barro cru. De frente, o mar é uma safira serena e molhada.

Para falar d'este quadro não há palavras próprias: a lingua sai como duma caixa de tintas: borra-se e enverniza-se.

Ah! As inglesas!

Ensarilham na pedra miudinha das ruas como tábuas erectas, esguias, em cuja fôlha se houvesse esmagado um morango. Refiro-me ao vermelho dos colos: parece de lagosta; é irritado como picadura de urtigas.

23 de Setembro, 1926.

Nestes vaporsinhos da carreira das ilhas o tempo corre monótono, apenas cortado pelo rasgar do mar e pelo ruído surdo da máquina. No meio da salsa planura a única linha airosa é a do próprio barco, observado do castelo de pópa onde os ociosos se divertem e a lona da cobertura fraldeja, preguiçosamente batida de algum SW, mais arisco. As horas dobam, e vê-las dobar é assistir como que ao desfile de nós próprios, embutidos numa concavidade de tronco que houvessem largado à bolina. Parecendo que não, esta visinhança de dois infinitos, mar e céu, não estabelece comunicação facilmente. Viaja-se em morfina. As ideias, têm um marulho arrastado, como que geradas entre óleos. Só à noite, com as lâmpadas acêsas no tombadilho, se faz um pouco de cavaco ameno ou algum joguinho fácil. Mas esta brincadeira, em regra, degenera num fastio mortal e pegado. São as meninas casadoiras que vêm alivitar tais partidas. Os passageiros agitam as cadeiras, um ou outro oficial da manobra encosta-se a uma escora, e lá começa a cega-rega das *prendas* ou do hipnotismo a fingir.

VITORINO NEMÉSIO.

A EXPOSIÇÃO DE SEVILHA



Painel de Abel Manta

O PAVILHÃO DE PORTUGAL

BREVES NOTAS SOBRE AS SUAS DECORAÇÕES INTERIORES—IDEIAS SOBRE TURISMO

Já nos temos ocupado nestas crónicas do Pavilhão de Portugal em Sevilha, mas sempre de passagem, e hoje queremos dedicá-la exclusivamente a mostrar aos nossos leitores as maravilhas que encerra o Pavilhão, principalmente na sua decoração interior.

O Pavilhão de Portugal que, repetimos, é,

estilo barróco como a fachada principal e um verdadeiro mimo nos dourados do teto, na varanda de ferro forjado da janela principal, na ornamentação das tapeçarias que guarnecem as paredes. Notáveis são, também, os quadros da cúpula representando as quatro partes do mundo em que Portugal tem a sua

corresponde ao *Salão de Honra*. Na parte não permanente chama a atenção do visitante a graciosa Fonte da Juventude que João da Silva cinzelou com maestria, situada no belo pátio central—que é um encanto pela elegância das suas linhas e pelo claustro que o rodeia com um artístico «lambris» de azulejos portugueses com scenas dos *Lusíadas*.

Este pátio central comunica com os dois pátios de oriente e de ocidente, que têm também belos azulejos e esculturas de navegantes e conquistadores.

Entre os dois pátios laterais está a sala de festas e conferências, bem proporcionada e decorada com grandes painéis representando as regiões portuguesas, obra de Barradas, e que foram uma revelação para os que conhecíamos Barradas somente como ilustrador e aquarelista, e hoje o vemos, por estes quadros seus, como um dos grandes artistas contemporâneos. O grande crítico espanhol José Francés, que visitou o Pavilhão há dias, dizia-me que tinha ficado surpreendido e admiravelmente impressionado com estes quadros de Barradas.



Painel de Martinho da Fonseca

sem dúvida alguma, o mais belo de todos os estrangeiros, e talvez o mais rico, compõe-se de duas partes: uma permanente e outra que que não o é e que merecia sê-lo pela forma como está realizada a sua construção e pela sua grande belêsa e arte.

Na primeira parte, ou seja na permanente, tem o grande vestíbulo decorado o teto com os escudos das províncias e colónias portuguesas, e duas salas laterais, nas quais se expõem objectos de ouro e prata, filigranas e salvas monumentais notavelmente trabalhadas. Nesta parte permanente, no primeiro andar, está o salão nobre com uma ante-câmara. O salão nobre é qualquer coisa de maravilhoso pela sua riqueza e surpreende os visitantes pela revelação decorativa dos architectos irmãos Rebêlo de Andrade. É de

expansão colonial e, no mais alto, o grande brasão com as cinco quinás e os sete castelos. A iluminação é feita por meio de grandes braços de bronze, lindamente trabalhados, e que dá ao salão êsse aspecto de nobreza que



Outro dos painéis de Martinho da Fonseca



A apanha da azeitona, por Abel Manta

As outras salas do Comércio, da Indústria e da Agricultura, bem como as das Colónias, todas elas estão decoradas por artistas de valor e delas nos ocuparemos seguidamente quando façamos menção dos produtos expostos, sendo a nossa idea dedicar uma crónica só à sala das colónias que tem material exposto, não para uma sala, a-pezar de ser grande, mas sim para todo o pavilhão. É uma das exhibições que mais atrai a atenção, pela variedade dos produtos e pelas curiosidades que encerra.

O Pavilhão de Portugal em Sevilha tem sido a melhor propaganda do nosso país. São muitas as famílias de Sevilha e de fora de Sevilha, que depois de visitá-lo sentiram desejo de conhecer o nosso país e para lá vão neste verão. É de esperar que para o próximo

É pena que as grandes companhias de Caminhos de Ferro e Hoteleiras não façam uma e que se veria recompensada por um grande número de famílias espanholas que ainda



Um painel de Lino António

propaganda grande em Espanha, principalmente da maravilhosa Costa do Sol, Sin-

nesta época estão indecisas, sem saber para onde ir passar as férias e os meses de calor.

É uma idea que ofereço às Sociedades de Propaganda de Portugal, sem outra intenção que não seja a de fomentar a enorme e inexplorada riqueza que Portugal teria, se se criassem correntes de turismo para o nosso país, como fazem outros países e actualmente tenta fazer a própria Espanha.

Uma extranha disposição regulamentar impede que a crónica das belezas dos pavilhão seja convenientemente ilustrada. Efectivamente, sem razões aparentes que justifiquem tal deliberação, o senhor commissário português na Exposição de Sevilha, proibiu terminantemente que os fotógrafos entrassem no pavilhão e trabalhassem dentro d'ele. Como se abriu excepção para o afamado reporter



Painel decorativo de Lino António

vão muitas mais pessoas de Espanha visitar Portugal.

tra, etc., propaganda que deveria ser feita nos grandes jornais de Madrid e com filmes, etc.,



As vindimas, por Abel Manta



Ilha da Madeira, de Abel Manta

Serra Ribeiro, supomos que o mesmo, ou entidade que êle represente, tenha pago grossas somas pelo seu exclusivo e folgamos sinceramente por ver entrar nos cofres do Estado quantias que nele fazem, decerto, algum volume. Mas o exclusivo dado devia ter sido acautelado suficientemente com a obrigação do favorecido fotógrafo fornecer a todo o mundo os seus clichés como propaganda das belezas do nosso pavilhão. Supomos mesmo que a brilhante inteligência do sr. Alto Comissário não olvidaria tão importante detalhe. O contrário seria, embora com as melhores intenções, evitar que Portugal fôsse conhecido dos milhares de estrangeiros que não vão a Sevilha mas nutrem a sua curiosidade com as reportagens das revistas ilustradas e com as coleções de fotos de amator que os turistas amigos lhes fornecem. A muitos estrangeiros nós ouvimos a sua estranheza pela bizarra ordem de não deixar fotografar os interiores do pavilhão. E na sua ignorância do exclusivo dado atribuíam o facto a variadas causas, algumas menos delicadas para a nossa afectibilidade. Foi um erro, ao nosso parecer, a concessão dêsse exclusivo que até é vexatório para os artistas decoradores por dar azo a supôr que se impede a reprodução de algumas das obras por menores méritos das mesmas...

E, a verdade é que, de um modo geral, as decorações são bizarras, talvez um pouco mais pintura de «atelier» do que propriamente decoração, mas, em todo o caso, bastante honrosas para a camada jovem de pintores que as executou. Abel Manta, o forte pintor moderno, Jorge Barradas que, como atrás dissemos, foi uma grande revelação, Lino António com a extranheza da sua esti-

lização francamente decorativa, Martinho, de posse das suas qualidades, embora antiquado de processos, Leitão de Barros e Barata fotográficos mas gárrulos de cores vibrantes, Joa-

quim Lopes, do Pôrto, um grande pintor em qualquer parte, Romero, o coronel Ramos, Lucena, a-pesar de defeitos derivados da pouca experiência do género, formam um todo, sem dúvida, imponente. A escultura, mais fraca, bastantes furos abaixo; a galeria de bustos, uma galeria de banalidades em que sobresaem vigorosamente as obras de António da Costa e as figuras grandes, do exterior, essas, francamente, duma mesquinhez artística deplorável.

Enfim, pequenos senões que não prejudicam, felizmente, o verdadeiro e alto mérito do conjunto da nossa representação que está à altura das exigências naturais nos visitantes mais habituados à critica desta espécie de certames.

LUÍS DIAS AMADO HERRERO.

(Fotos de Mário de Novais.)



Uma decoração de Jorge Barradas

Uma Mulher

Por Arkadi
Averchenko

Duas pessoas, que eu não conhecia, entraram no restaurante e sentaram-se na mesa imediata à minha.

Ela era a perfeita coqueta. E, com refinado e delicioso coquetismo, desceu a gola do seu elegante casaco de peles; tirou as luvas, apertando entre os seus pequeninos dentes brancos a ponta de cada dedo; passou a borla dos pés pelo nariz, vendo-se num diminuto espelho de bolso e mostrou a língua ao seu cavalheiro, que a contemplava embelezado.

O seu cavalheiro perguntou-lhe com aveludada voz de barítono:

— E, agora, meu amorzinho, que queres comer?

— Ao seu amorzinho tanto lhe faz uma coisa como outra. O que V. Ex.^a quizer.

— E beber?

— É-me também indiferente. O que quizer.

— Perfeitamente, princesa.

O galã encarou-se com o *maitre d'hôtel*, que guardava as suas ordens, e disse-lhe:

— Meta em géló uma garrafa de Brut americano.

A dama desviou o nariz do espelho e olhou para ele um tanto ou quanto assombrada.

— Brut?

— É uma excelente marca. Gosto muito.

— O senhor é nem mais nem menos do que um perfeito egoísta. Lá porque gosta dessa grande porcaria quer obrigar-me ao sacrifício de a beber também?

O galã sorriu-se carinhosamente e acariciou a mão da dama.

— Garanto-lhe, princesa, que é um vinho magnífico.

— Magnífico, não haja dúvida!

— Já o bebei alguma vez?

— Não, nunca; nem quero!

— Que encantadora lógica!... Bom; que vinho já bebei então?

— Bebi... bebi... Monopole sêco. É o único vinho que se pode beber.

— Bem; já conseguimos averiguar qual é a sua marca preferida, boneca!... *Maitre*, já sabe: Monopole sêco!

— Perfeitamente, cavalheiro. E de comer?

— Margarida Nicolayevna: resolva êsse grave problema.

Margarida Nicolayevna mirou e remirou o *menu*, fazendo encantadora mímica, e encobrendo os ombros, devolveu-o ao seu cavalheiro.

— Não sei... não sei... Tanto me faz! Escolha por mim.

— Não, não! Trata-se dum assunto muito sério! — replicou, sorrindo, o galã. Vamos lá saber. Que peixe prefere?

— Nenhum.

— Gosta mais de carne?

— Conforme...

— Uns *beejs mignon*...

— Ora!

— Umaz costeletas de cordeiro à Stendhal...

— Ora!

— Picatta...

— Prefiro covas de Bruxelas.

— Mas isso não é carne. Não quere nada de carne?

— Não seja massador. Peça o que quizer. Já lhe disse que tanto me faz uma coisa como outra.

— Talvez *risotte* com cogumelos e caranguejos...

— O *risotte* é um prato de arroz, não é?

— É sim, princesa. O seu nome o indica...

— Detesto o arroz.

— Uma perdiz assada, que está muito boa — aconselhou respeitosamente o *maitre d'hôtel*.

— Não, não! O cheiro da perdiz faz-me náuseas.

O *maitre d'hôtel* dirigiu ao galã um olhar de desespero. O galã, por seu lado, olhou para o *maitre d'hôtel* e para mim, como se quizesse dizer: «Que encantadora rapariga! Tão caprichosa e tão linda!»

— Também fracassou a perdiz! — suspirou.

E continuou, inclinándose, solícito, para a dama:

— Vamos, princesa; que quere comer?

— Se houvesse salmão...

— Muito bem. E de segundo prato?

— Ai, que massador! Qualquer coisa! O que o senhor comer!

— Eu vou pedir arroz de frango.

— Que galante! Já lhe disse que detesto o arroz e está empenhado em que eu o coma! Dê cá o *menu*, faça o favor... Escolherei qualquer

coisa ao acaso, para terminar... *Maitre*, para mim, depois do salmão, *ragout* à polaca!

— Bem, minha senhora.

— Com molho holandez, hein?

O *maitre d'hôtel* reprimiu um gesto de assombro e respondeu:

— Muito bem.

Dai a minutos servia ao jovem casal o salmão e destapava a garrafa de Monopole sêco.

— Traga-nos caviar — ordenou-lhe o galã.

O amável cavalheiro tocava a cada instante na mão da dama para se compenetrar bem da sua solidéz.

Quando lhe serviram o *ragout* polaco, Margarida Nicolayevna fez um gesto de desagrado e disse ao seu admirador:

— Não me agrada isto. Que mandou vir por fim?

— Arroz de frango.

— Deixe ver? Tem boa cara! Ai tem o *ragout* e dê cá o seu frango. Se é que não se zanga por isso...

Zangar-se, é! Fêz a troca, pintando-se-lhe no rosto uma generosa alegria.

Quando começou a comer o *ragout* — verdade seja — houve uma nuvem que lhe obscureceu o rosto; mas o sorriso não tardou a aparecer-lhe nos lábios. Depois, a comida não parecia interessar-lhe muito: os seus olhos, absortos, encantados, não se desviavam um só momento daquela coqueta rapariga. De vez em quando, olhava para mim, como se dissesse: «É um encanto esta adorável criatura, com os seus caprichosinhos e as suas fantasias, não é?»

II

Duas pessoas, que não me eram inteiramente desconhecidas, entraram no restaurante e sentaram-se na mesa imediata à minha.

— Erai êle e ela.

Ela era coqueta até à ponta dos cabelos. Com refinado e delicioso coquetismo, desceu a gola do casaco, compôs o chapéu, esfregou as mãos, dirigindo-me um rápido olhar ao desdobrar o guardanapo.





Ele perguntou-lhe :
 — Que vinho preferes ?
 — É-me indiferente. Escolhe tu.
 — Bom. Moço!... Uma garrafa de *Cordon Rouge*.
 — *Cordon Rouge?* — disse ela, pondo um delicioso flocinho de menina caprichosa. Que porcaria de vinho! Tens cada idéia!...
 Naquela altura reconheci o casal: era o mesmo que, meses antes, ceara ao meu lado num outro restaurante. Até me lembrava do nome da dama: Margarida Nicolayevna.
 O cavalheiro fez um gesto de desespero.
 — Não dissesstes que te era indiferente, Margarida? Em que ficamos?
 — Rogo-te que não me levantes a voz!
 — Não te levanto a voz. Límito-me a fazer-te observar que é absurdo dizeres que te é indiferente para exclamar depois: «Que porcaria de vinho!» Não te perguntei que marca preferias?
 — *Chaperon Rouge*...
 — Muito bem. E que queres comer?
 Margarida Nicolayevna mirou e remirou, com ar exquisito, o *menú* e estendeu-o ao *maitre d'hôtel*.
 — Escolhia você!
 — Pelo amor de Deus! Não tenho a honra de saber os gostos de V. Ex.^ª.
 — Então escolhe tu, Kólia...
 O cavalheiro dirigiu à dama um olhar muito pouco terno.
 — Bom — redarguiu — escolherei.
 E, depois de consultar a lista, ordenou :
 — Para a senhora peito de frango à *bechamel*.
 — Não, não! — protestou ela. Todas as «estrélas» de variedades comem peito de frango à *bechamel*.
 — Não me dissesse que te era indiferente, que escolhesse eu? Vamos lá saber duma vez para sempre o que diabo queres!
 Na voz do cavalheiro percebiam-se, conquanto

cuidasse de falar serenamente, vibrações de irritabilidade.
 — Qualquer prato de peixe. E não me fales nesse tom!
 — Em que tom, mulher? Que peixe preferes?
 — Qualquer! Não seas massador!
 — Bom. *Maitre*: para a senhora, esturjão à russa...
 — Ai, não! Esturjão, não!
 O cavalheiro lançou à dama um olhar furioso e entregou-lhe a carta.
 — Disseste-me por duas vezes que escolhesse e por duas vezes te parece mal o prato que escolhi. Compreenderás...
 — O quê?
 — Que por muita paciência que se tenha... Se tivesses passado dois dias sem comer, não hesitaria tanto. É preciso que renunciés a esse papel ridículo de menina mimalha e caprichosa.
 — Se continuas a falar nesse tom, é esta a última vez que nos vemos.
 — Mas, minha filha, é natural que te fale

neste tom. Dá-se-te a carta para que escolhas e começa a fazer biquinho, dizendo: «Ai que massada!», como se te obrigassem a que te preocupasses por uma coisa que não te interessa. Se não te interessa, porque recusas os pratos que eu escolho?... Escolhe tu, e já não temos que discentir.
 — Que amável, que fino e que galante! Parece um troia! Há cinco meses eras todo delicadeza... Jesus, como mudáste!
 — Há cinco meses, meu amor...
 — Há cinco meses, quê? Termina!
 — Mas, mulher, por todos os santos! O *maitre d'hôtel* está esperando. Não se deve abusar da paciência de ninguém e muito menos da gente que não nos pode mandar para as profundidades do inferno.
 — Não admito lições! Noto que me grita, cavalheiro, como um moço de esquina!
 A dama falava num tom cheio de altivez, como uma rainha ofendida. Dirigindo-se ao *maitre d'hôtel*, disse :
 — Traga-me o que quiser... Tanto me faz uma coisa como outra.
 — Não! — proferiu fóra de si o cavalheiro, saltando um forte murro em cima da mesa — Conheço este último recurso. Trazem-te um prato que, sem sombra de dúvida, não te agradará, e endossá-lo-hás a este abnegado, comendo tu, em troca, o que eu peça para mim. Não, não! Suplico-lhe, minha senhora, que concretise, que especifique.
 — Adeus! — disse friamente Margarida Nicolayevna, levantando-se — Não estou disposta a ceiar com um carvoeiro.
 E dirigiu-se para a porta.
 — Mas, mulher!...
 Ela não lhe fez caso.
 O cavalheiro então levantou-se e correu atrás da bela indomável.
 — Refinadíssimo parvo! — murmurei eu, indignado.



AS ORI- GENS

A história das origens da Batalha tem sido uma das preocupações da arqueologia portuguesa que, vendo essa eclosão brusca de grandiosidade e de equilíbrio orgânico característico da maturidade de uma expressão rara, não atinava bem com a série dos avatares que em cadeia ininterrupta e progressiva lhe explicassem a orgânica e a grandeza. A filiação da sua traça no anonimato das associações medievais de pedreiros livres e consequentemente as suas raízes sugando a seiva do esforço colectivo de todos os factores sociais, tinha de ser posta de parte, pois longe iam já o valor e preponderância artística dessa famosa associação secreta, passando o seu labor comum para a criação individual e passando também do agre-



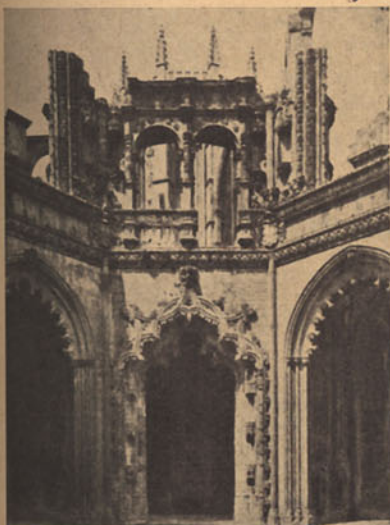
BATALHA — Entrada principal do Mosteiro

inglesa, visto que as suas feições são perpendiculares aos arcos torais e aos formaletes, resultando daqui a linha quebrada da sua junção ser oculta pelos arcos ogivais, ao passo que as feições das abóbadas inglesas são perpendiculares a estes arcos, determinando pela sua junção na bisetrix da abobadilla a mesma linha quebrada, vindo a tempo o ferne, tão inglês, para encobrir essa junção pouco agradável à vista.

Além disso, no tempo de D. João I era mais natural, porque já estavam há muito em uso na arquitectura britânica, que antes se empregassem as abóbadas polinervadas em leque, ou antes em pavilhão de trompa, como mais tarde, depois da sua disseminação pela Europa, se empregaram nos Jerónimos.

Mas será imediata ou mediata a influência francesa no monumento da independência saído do voto de Aljubarrota? É certo que não podemos lançar no nosso activo uma série evolutiva de edifícios, ou religiosos ou civis, a comprovar o nosso esforço criador no tipo da arquitectura gótica porque a dureza dos tempos foi disso grande embaraço.

Precocemente, aparece a abóbada nervada em Portugal, e já na vetusta igreja românica de Rates um dos tramos tem a cruz da ogiva que

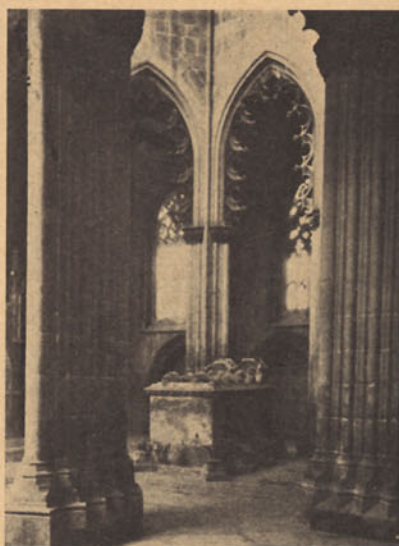


Capelas imperfeitas

gado social para os grandes potentados a construção dos edifícios monumentais, agora mais civis do que religiosos. O entusiasmo dos abundantes aglomerados citadinos tinha cessado.

É, pois, a Batalha um monumento levantado pela vontade real, e como D. João I já antes contraira aliança com a casa de Lencastre, fácil foi, dado um certo inglesismo decorativo evidente em certas partes do edifício, concluir da sua filiação no perpendicular inglês, devendo recordar-se aqui que os elementos do gótico de além Mancha foram elaborados e sistematizados pelos architectos franceses, constituindo essa elaboração a arquitectura flamejante ou terciária que a França depois espalhou pela Europa.

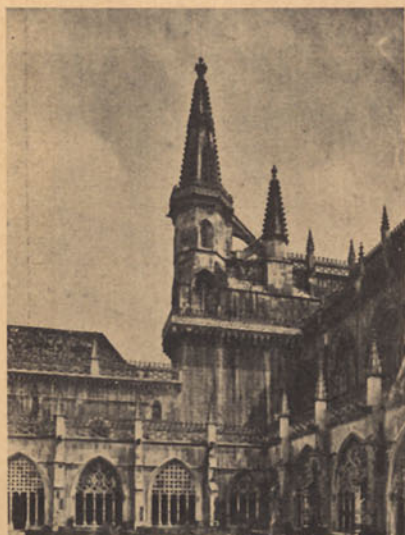
Já caímos nessa ilusão que facilmente se desfaz se estudarmos alguns dos elementos estruturais da sua abóbada que é, afinal, o que o define, sendo sempre a cobertura o elemento de construção que condiciona o aspecto dos alçados. Ora a abóbada da Batalha é francesa e não



Túmulo de D. João I

DA BATA- LHA

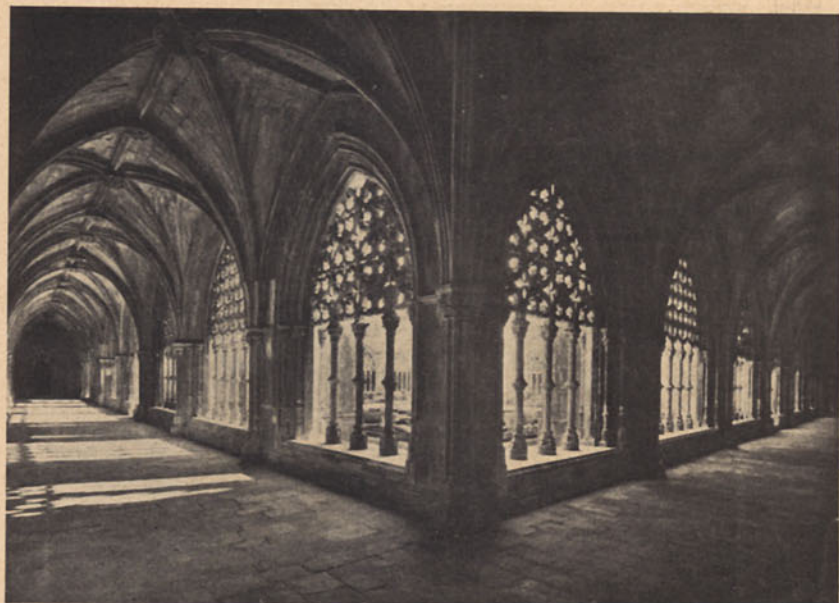
assim se intercalava furtivamente, mas a apontar como um ensinamento as excelências do novo processo num edifício de construção tão precária. Vêmo-lo no alpendre da Senhora da Oliveira, em Guimarães, onde os perfis dos arcos já são de tão nítidas linhas góticas, no deambulatório da Sé de Lisboa, em vários claustros da época de transição, e então em S. João de Alporão a novidade é evidente, chegada possivelmente antes da conclusão da igreja e adaptada por meio de fustes intercalados na silharia românica (a que não faltavam os contrafortes para o arco-mestre projectado), fustes destinados a pontos de apoio das ogivas diagonais. O fulcro da arquitectura francesa, *opus francigenum*, estava introduzido nas construções



Aspecto do claustro

de Portugal românico; bastava que facilidades materiais trazidas por uma melhoria económica tornassem possível a sua aplicação sistemática. É tão expedita a nova arte, tão própria para as mais arrojadas tentativas que é preciso, para não a vermos frutificar com rapidez, que, ou faltem estímulos, ou haja um germen de resistência tradicional a opor-se à adopção dos preconceitos da nova arte. Esse elemento de reacção é, como veremos mais adiante, o ingenito romanismo.

Os élos estão fragmentariamente dispersos pelo país, e o seu agrupamento difícil se torna, devido sobretudo a não se ter feito ainda um *corpus* completo da nossa arquitectura nos séculos XIII-XIV, com plantas, alçados e côrtes. Contudo, se olharmos para o que nos resta dessa expressão de arte e de alguns tipos monumentais da idade anterior, conjugando os elementos subsistentes com o facies do romanismo, possível é apreender, dentro da elaboração nacional,



Aspecto interior do claustro

os factores que tornaram possível essa eclosão final e deslumbrante de Santa Maria da Vitória. Se ligarmos as informações colhidas nos monumentos da acropole escalabítana, essa Santarém onde o gótico tanto proliferou, e, agrupando-os, os aureolarmos com o espírito de grandesa que ecoa sob as naves da soléne Alcobça, talvez adivinhemos por um pequeno arrôjo de imaginação, os elementos de ordem material e moral que se chocaram no espírito do architecto escolhido por D. João I para dar solução condigna ao seu voto de cavaleiro. Esse architecto podemos já agora chamar-lhe Afonso Domingues, sagrado por uma nobre tradição literária e consubstanciando nesse nome o esforço de sucessivas gerações, como os gregos fizeram de Dedalo o símbolo do esforço progressivo de várias sucessões de artistas.

A planta da Batalha é, com mais amplidão e a duplicação dos absidiolos, a mesma da igreja da Graça, em Santarém, cuja anterioridade de construção é dada por informes documentais.

Esta igreja não tem abóbadas, cobertura onerosa para uma bólsa particular, mesmo que seja de fidalgo abastado e generoso, mas quem sabe se inicialmente pensaram nessa cobertura, dada a existência das columnas adossadas, detidas a meia altura da nave, que assim abandonam a sua função, ficando ali numa ociosidade lógica.

A fachada é uma redução da da Batalha nas suas linhas gerais e nesse não sei quê de proporções e de geratrizes tão próprio a fazermos pensar numa origem mental comum. É certo que as fachadas eram, em regra, levantadas mais tarde que as ousias, estas as primeiras para mais depressa se fazer a consagração da igreja. Mas se a construção desta se não demorou, temos que pensar um ponco na lindíssima rosácea, o mais belo, o mais deslumbrante exemplar do flamejante, em Portugal. Quem projectou essa delicada renda, esse agrupamento sinuoso e coleante de curvas e contracurvas, conhecia intimamente os preceitos do terciário no que lhe tem de mais constante, de menos arbitrário, dando-nos um exemplar de composição simples que desabrocha em radiosa cor. O portal é flagrante de semelhança com o do memorável edificio estremeno.

Quanto às abóbadas e perfis da Batalha, e isto é essencial, não temos de ir muito longe para os encontrar. Vêem-se no belo supedâneo onde esteve colocado o túmulo de D. Fernando, e talvez junto dele o da mulher amada. É o côro, o mais belo exemplar da architectura prejoanina, hoje deslocado do seu primitivo lugar, que se vê em S. Francisco de Santarém, com a mesma modenatura da Batalha, a mesma abóbada octo-partida pelos liernes, e uma série de

capitéis com o frizado da folhagem e a saliência das volutas vegetais do gótico terciário. E para mais, esse côro comunica hoje com o exterior por uma porta, e esta é a porta de facies românica que se vê na fachada sul da Batalha, com o meemo gabelte e em parte com a mesma decoração. É já um lugar comum dizer-se que os nossos monumentos se retardam no seu aspecto de romanismo. É facto averiguado em todos os países latinos, onde o gótico se sujeitou a transigências, a compromissos que mais de uma vez lhe deram um carácter híbrido. Architectura nórdica nascida na zona étnicamente germânica da França ainda a esse tempo sem uma forte unidade política, não se adaptou com liberdade aos países meridionais, onde uma tradição secular manteve as claras basilicas e depois as austeras igrejas românicas, algumas destas com fachadas que lembram arcos de triunfo imperiais.

Há uma identidade (que é comum a outras

igrejas portuguesas) entre a planta da Batalha e a da Sé Velha de Coimbra. As duas se ligam, como vimos, a Graça de Santarém. Ora se despirmos a fachada de Santa Maria da Vitória dos seus ouropéis flamejantes e a reduzirmos a um esquema linear, a sua semelhança com a Sé Velha de Coimbra não deixa de impressionar, sobretudo aqueles que sentem um ritmo secreto, uma íntima pulsação nas geratrizes de uma obra de architectos. O país era pequeno e facilmente percorrido nesse período, tão incerto, precário e duvidoso o esforço construtivo interrompido seguramente com incidentes de perturbação interna. Isso nos é atestado pela penúria de monumentos e, nos que existem, pela sua construção sumária, pela sua ideação de limitudo arrôjo.

Mas a crise de crescimento passou, Aljubarrota fecha o capítulo das indecisões e estabelece fortemente o equilíbrio político. Há paz e há grandesa, há um horizonte imenso e tentadoras miragens de novos destinos. Cumpria fechar o capítulo com um edificio memorável, encerrar o ciclo que se iniciara com o esforço indomável do primeiro Afonso, prendendo a idealidade afonsina à idealidade joanina, e ir buscar a um côdice de pedra o germen de continuidade histórica que recordasse o Portugal medievo e o seu intrínseco apêgo ao torrão natal. Cavaleiro e monge, erguera conventos e batallária, e sob o burel do hábito viam-se os reflexos da sua espada intemerata. Num momento de paz e de oração, a idealidade dos rudes barões erguen também um monumento da sua fé, e as imensas naves de Alcobça aí estão a atestar as possibilidades do seu engenho e a sua comparticipação no grande esforço europen. Bastava, pois, que o architecto da Batalha sentisse o passado do seu país naquela imponente igreja conventual, para, cingindo-se ao canon da época, unindo-se com o ardor patriótico daquele momento, fazer um edificio memorável a que a vontade real e a fé colectiva davam todos os meios de realização. Já não era um fidalgo apenas a cumprir um voto individual, era o Messias de um povo a realizar as aspirações de uma nação que define a sua organização e afirma a sua ciosa independência. Com os elementos orgânicos elaborados em Santarém, e bastam esses, unidos à concepção grandiosa de Alcobça, o lendário Afonso Domingues tinha matéria e espírito para ser fiel ao voto cavalleroso e místico proferido no esporão de Aljubarrota.

JOÃO BARREIRA.

(Sumário de um estudo em preparação).



Aspecto do claustro (interior)

BANHISTAS

DAS PRAIAS E ...DO CINEMA

Já o dissemos no frontespício do nosso número de hoje: em tempos ia-se para as praias «tomar banhos» e hoje vai-se «tomar coisas». E há mais. O banho perdeu a função de medicamento natural para ser o pretexto para um regresso a certo paganismo de atitudes e indumentárias, ao que parece justificado pela busca afanosa da saúde neste século decrépito, minado por todas as doenças. E, então, aqueles que não *pousam* com *toilettes* tão inverosímeis como diáfanas, entregam-se a exercícios da mais alta fantasia de que a imersão nas «glaucas ondas» dos poetas é apenas um pormenor higiénico... que às vezes esquece. Nas nossas páginas arquivamos alguns aspectos de banhistas que pensam em tudo... menos no banho!...



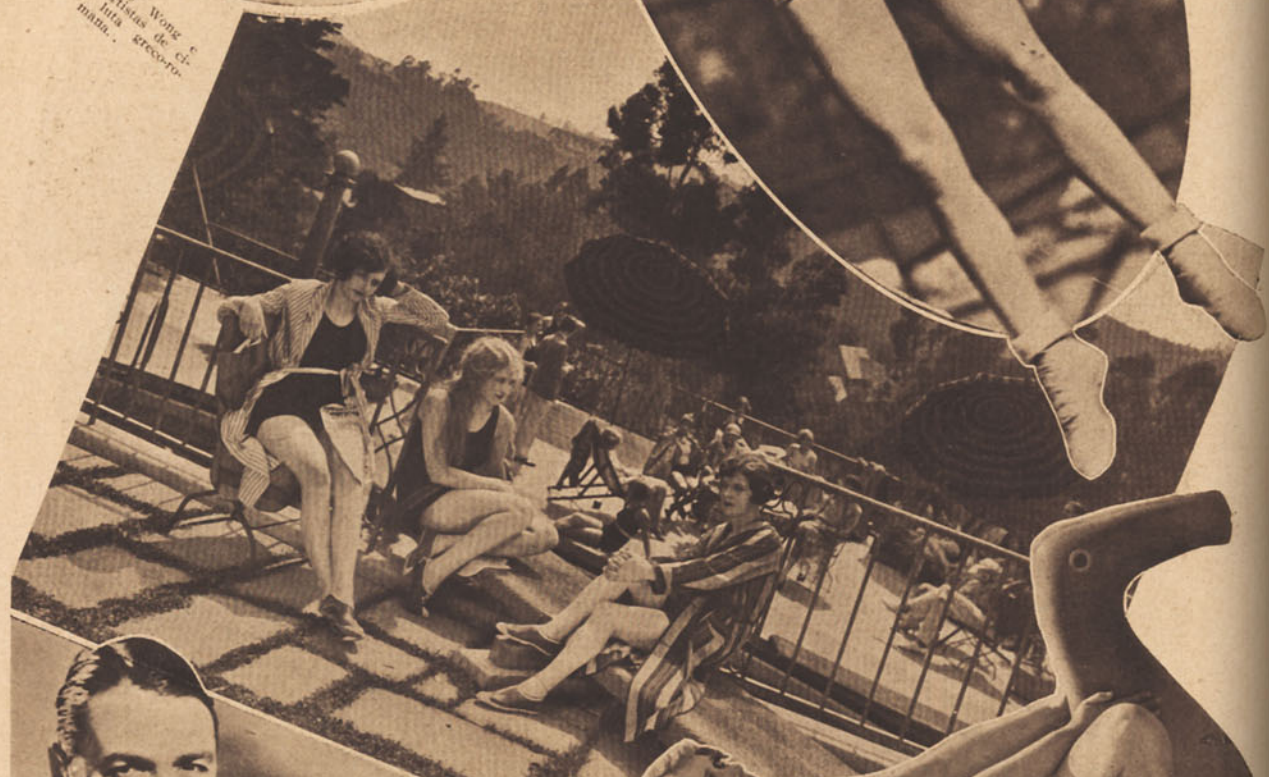
Deauville é sempre a rainha das praias europeias. Ao centro, um grupo de foliões aquáticos na praia dos milionários e orlando a página dois aspectos de um elegante tribu de banho arqui-parisiense, que parece feito... para se não molhar



Na praia, Ana May Wong e Edna Gregory, artistas de cinema, fazem muita ginástica.



Uma flapper da Metro que usa o multitor para jogar o tênis e não para mergulhar.



AO CENTRO DA PÁGINA: — Um terraço sobranceiro à praia da Califórnia e um grupo em que está May Mac Avoy, a célebre star...



A ESQUERDA: — Um que interrompe a folia do banho apenas... para despejar o cachimbo em forma de trabuco; George K. Arthur, da Metro



Hop! M! Hop! M! Não há! Diz a delicada Anita Page, lady-accomp de Los Angeles

GRANDEZAS DE PORTUGAL

PADRÕES DE NOBREZA

PADRÕES DE TRABALHO

DESPEDIDA DE BARCELOS

A CASA DE PAÇOS DE CIMA

A freguezia de Santa Eulália de Rio Covo, do termo de Barcelos, cortada agora pela estrada nacional do Porto e pela via férrea do Minho, teve a celebrizá-la em velhos tem-

maiores, que muito aumentou e melhorou materialmente. Foi também elle que mandou levantar ao lado sul um elegante portal ameado, que ainda hoje existe, em estilo clássico.

A modéstia da vida monástica não o des-



Curiosa varanda duma casa antiga em Roziz

pos o nome do heróico defensor do Castelo de Faria, Gonçalo Nunes de Faria, que, depois de trocar a espada pela cruz, ali foi abade, não constando que tivesse conquistado muitas almas para o Senhor, mas sabendo-se que captivou o coração de algumas guapas lavradeiras.

Outros homens ilustres conta, porém, está freguezia, e, entre elles, Frei João Baptista da Silva, filho de D. Jerónima Bernardes Continho, aparentada com os fidalgos de Balsemão, e de Francisco da Silva Fonseca, senhor da nobre casa de Paços de Cima.

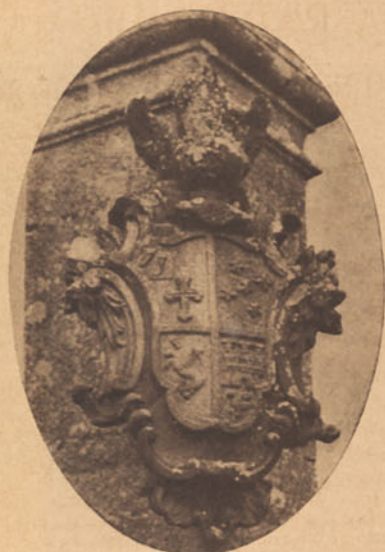
O frade, que nasceu em 1678, professou na Congregação Beneditina de Tibães, exercendo altos cargos na Ordem, sendo duas vezes abade e duas vezes geral. Faleceu no mosteiro de Alpendurada, em 1765, tendo 86 anos de idade e 71 de religião.

Estes simples números dizem-nos que o bom do beneditino, talvez porque era inteligente e sabedor, não abusou muito dos cilícios e abstinências, porque não teria tão longa dura uma carne castigada de jejum e disciplinas.

Não diz a história que elle deixasse descendência, a exemplo de Gonçalo Nunes de Faria, mas o certo é que, para a sua robustez orgânica, muito deviam ter contribuído os ares puros de Rio Covo, onde vinha passar largas temporadas na casa solarenga de seus

mudou das prosápias fidalgas, e foi por isso que o casamento dum seu colateral, feito contra sua vontade, o levou a abandonar para sempre a casa de seus pais, a qual, dizia elle, lhe cheirava a peixes.

A origem deste cheiro, que tanto irritava a pituitária do reverendo, attribuem-na uns



BARCELOS — Brazão de armas da Torre de Molões

ao casamento duma sua sobrinha, D. Senhorinha de Andrade Rego e Faria, filha de D. Maria Bernardes da Fonseca, e de Sebastião de Andrade Rego e Faria, com João Pacheco Pereira, natural de Fão, terra da beira-mar onde havia muito peixe; e outros ainda ao facto de um filho doutra sua sobrinha, irmã daquela, ter casado com uma judia.

MORGADO DO PERDIGÃO

Na freguezia das Carvalhas, que entesta com a de Rio Covo, há restos doutra casa antiga, que ainda hoje ostenta um curioso portal, e que está englobada actualmente no senhorio de Paços de Cima. Era o morgado do Perdigoão, que em 1803 estava na posse de Miguel José Teixeira de Barros, homem robusto e sádico, que faleceu aos 32 anos de idade, no regresso dos seus casais de S. Cláudio de Curvas, ao que parece prostrado por uma congestão.

Tivera este fidalgo uma filha natural duma sua criada, Ana Joaquina de Vilas Boas, da freguezia de Pedra Furada, filha que legitimou à hora da morte por meio de casamento, feito a instâncias do então vigário das Carvalhas, Padre José António da Silva Fonseca.

Possuía o morgado uma irmã, D. Jerónima Maria da Fonseca, acusada, embora injustamente, como depois se provou pela autópsia,



Casa do Morgado do Perdigoão



Solar dos Velosos, em Barqueiros

de o ter envenenado, por não lhe perdoar os seus amores plebeus com a criada.

Esta D. Jerónima, na ânsia de conseguir descendência nobre, casou duas vezes, mas a esterilidade não lhe deu ocasião para a vin-

gança, e o casal veio a parar às mãos de D. Maria Joaquina Teixeira de Barros, 10.^a morgada do Perdigão.

Foi esta senhora a mãe da esposa do actual proprietário daqueles dois solares, — o de

A TÔRRE DE MOLDES

A freguezia de Remelhe, contígua à das Carvalhas, é modernamente célebre por ser a terra natal dêsse varão ilustre e grande português que foi o Missionário Barroso, Bispo do Pôrto, cujos restos mortais ali se encontram no cemitério paroquial, em mausoléu erguido à custa dos seus admiradores.

Existe naquela freguezia também a casa solarenga denominada Tôrre de Moldes, que nos faz recordar um doloroso e trágico episódio das invasões francesas.

Era senhor da Tôrre de Moldes e ouvidor em Barcelos na época da terceira invasão, 1809, o dr. João Nepomuceno Pereira da Fonseca Silva Veloso, filho de D. Josefa do Sacramento e Silva e do capitão José Pereira da Fonseca, cavaleiro professo na Ordem de Cristo, sargento-mor da vila de Barcelos, várias vezes vereador, etc.

O ouvidor, ao chegarem-lhe novas da invasão, mandou um próprio à Galiza informar-se do movimento das tropas e preparava a resistência na sua casa de Remelhe, mandando fazer cartuchame que seria distribuído



BARCELOS — Templo da Senhora das Necessidades, construído pelos senhores do Solar dos Velosos



BARCELOS — Casa do Morgado de Barrio, em Roriz

Paços de Cima e do Perdigão, — sobrinho do vigário que fez o casamento do fidalgo com a criada, dr. Teotónio da Fonseca, figura extremamente simpática no meio barcelense, homem inteligente, estudioso, investigador e nobiliarista, cujas eruditas lições nos têm fornecido muitos dos elementos que utilizamos.

pelas mal apercebidas ordenanças do seu distrito.

Repellido nas margens do Minho, o inimigo ataca Chaves, que toma em 12 de Março, força o Paço de Ruivães e Salamonde e entra depois em Braga. A seguir, os franceses caem sobre a Trofa e conquistam o Pôrto.

O general Lorges, com alguns contingentes militares, é encarregado de submeter várias povoações que ficavam na rearguarda do grosso do exército, e trata rudemente as que lhe oferecem resistência, como Ponte-do-Lima e outras.

Barcelos, onde «o sol já não via pelos campos dilatados» os «dezasete mil peitos armados» de que fala um poeta, abandonada pelos nobres e até pelas medrosas ordenanças, assistiu de braços cruzados à entrada do invasor.

O dr. João Nepomuceno, que se conservara no seu posto, viu-se obrigado a tratar o inimigo com urbanidade, poupando a vila ao saque, à violação e ao incêndio, o que já não aconteceu nas próximas freguezias de Creixomil e Mariz, onde os guerrilheiros escapados da Salamonde e Carvalho d'Este faziam grossa chacina nos franceses, que se vingavam passando tudo a ferro e fogo.

Depois da invasão, a casa de Remelhe é cercada pelas Ordenanças que na ocasião do perigo haviam desaparecido, às ordens do capitão José Bernardo Maciel, do Couto de Capareiros, sendo o dr. João Nepomuceno



BARCELOS — Portal da casa do Simeão da Portela

levado à cadeia da vila de Viana, entre as lanças e baionetas que talvez ainda estivessem tintas do sangue do grande general Bernardim Freire, pouco antes morto em Braga.

De Viana transita para a cadeia dos Arcos, onde é submetido a conselho de guerra no quartel general do marechal de campo José António Botelho, sendo condenado à morte e imediatamente executado.

Por sentença de 15 de Março de 1810, proferida pelo Tribunal da Relação do Pôrto, foi reabilitada a sua memória como tendo sido «um ministro qualificado e distinto, fiel e zeloso vassallo de S. Magestade, amante da sua pátria»... Tardia reparação!

Pertenceu também a esta casa, hoje na posse dum illustre official do nosso exército, o sr. major Trigueiros, o antigo coronel de engenheiros Francisco António de Brito Limpo, inventor do nível de precisão Brito Limpo, que lhe deu renome.

SOLAR DOS VELOSOS

Na estrada Barcelos-Povoa, freguezia de Barqueiros, ergue-se ao centro dum vasto largo um templo grandioso, de construção



Casa de Paços de Cima, em Rio Covo

o templo, e da casa Veloso vinha mesmo um arco até ao mosteiro, a fim de aquela família poder assistir do côro a todos os officios divi-

a um capelão inspecionado pela autoridade eclesiástica, reservando apenas essa familia para si e sua descendência um lugar para



Igreja românica de Manhente, vendo-se ao lado a torre da antiga Casa do Hospital



Torre do Pinheiro, na Albeira

relativamente moderna, mas onde se realiza, em princípios de Setembro, uma das romarias mais concorridas do concelho, a de Nossa Senhora das Necessidades. Tem a seguinte história contada por José Augusto Vieira, no «Minho Pitoresco»:

«Achando-se em Lisboa a tratar duma demanda o senhor da Casa dos Velosos (família illustre, cujo solar está situado em frente ao dito mosteiro), Fr. João Veloso de Miranda Ferreira da Fonseca, fidalgo cavaleiro, comissário das três Ordens militares, correio-mor de Espozende, monteiro-mor da vila de Arrifana e corregedor do crime na Relação do Pôrto, foi na capital acometido de uma doença grave, que o fez invocar o auxílio de Nossa Senhora das Necessidades, imagem que af adquirira.

«Restabelecido e voltando triunfante do pleito aos seus lares, mandou colocar a imagem em uma capelinha que existia defronte da sua casa e quinta, apregoando-lhe com reconhecimento o valor. Succederam-se os milagres após esse e resolveu então o senhor da casa dos Velosos levantar um mosteiro condigno da alta fama da Virgem. O povo das freguezias visinhas secundou galhardamente a iniciativa do senhor de Veloso, conduzindo gratuitamente a pedra e outros materiais para a construção. Levantou-se, pois,



BARCELOS — A casa Torre de Moldes



A Torre do Pinheiro, na Alheira

encosta que abre sobre o pitoresco e feracíssimo vale do Neiva.

Uma das casas senhoriais mais antigas e ainda hoje imponentes, de Barcelos, pelo seu aspecto acastelado, é a Torre de Pinheiro, situada na freguezia da Alheira, rodeada duma importante quinta e larga mata, com velhas árvores seculares, que constitui um dos pontos preferidos pelos barcelenses para as suas digressões. Do alto das ameias feudais disfruta-se a deliciosa paisagem do vale do Tamel. Foi um dos seus possuidores o ilustre fidalgo D. Rui Lopes de Sousa de Alvim e Lemos, décimo quarto e último administrador do vínculo para essa casa instituído por Diogo Lopes Homem, em 1553. A casa já existia, porém, no século XIV.

Na freguezia de Roriz, em cujo monte jazem esquecidos os vestígios da antiga cidade de Canhoane, onde alguns supõem ter existido a primitiva Barcelos, há também a casa do antigo morgado do Barrio, dos Mendanhas-Arriscados, descendentes dos Farias de Barcelos. Perto, existe outra casa antiga, com uma interessante varanda, que dizem pertencer à família Calheiros.

Sobre a margem direita do Cavado, e em frente da freguezia de Vilar de Frades, admira-se, em regular estado de conservação,

ouvirem missa, um outro para sepultura, que é o que se vê com o respectivo braço de armas no centro da igreja, e gratuitamente o toque de sinos pelo falecimento de qualquer pessoa da sua geração.

Tal é a história do mosteiro das Necessidades, ligada à do solar dos Velosos, onde alguns também colocam a célebre lenda do D. Sapo, muito vulgarizada no Minho, mas a que só nos referiremos ao tratar dos solares de Ponte do Lima.

Na casa dos Milagres deste santuário encontra-se uma tósca pintura com dizeres, em que um ingénuo devoto agradece fervorosamente à Virgem o ter partido só uma perna, quando era certo que podia ter partido as duas. São com este muitos dos milagres que fizeram levantar dezenas de santuários através do Minho.

OUTROS MONUMENTOS E SOLARES

Um ramal que se afasta da estrada Barcelos-Viana leva-nos à freguezia de Palma, onde existe ainda o célebre convento beneditino do mesmo nome.

Foi fundado em tempos remotos por um fidalgo de nome Lovesendo, que o doou em 1028, com a quinta e outras propriedades, à Ordem de S. Bento, para ali se estabelecer um mosteiro que foi dos melhores da Ordem naquelas redondezas. Com a extinção das ordens religiosas, em 1854, passou à posse do barão de Palma.

Tem um pórtico majestoso, sendo muito curiosa a fachada da igreja. A sua situação é encantadora, assentando no fundo duma



Fachada da igreja e alpendre do Convento da Palma



Portal da Casa dos Paços de Cima

a velha igreja românica do Couto de Manhente, já célebre no tempo do fundador da monarquia.

Barcelos possui outros muitos tesouros históricos dignos de registo, mas que numa digressão rápida é impossível arquivar.

A um dos seus mais antigos e nobres solares, a Casa de Azevedo, na Lama, faremos oportunamente especial referência, quando nos ocuparmos desta ilustre família, das mais nobres e antigas do país.

E não poderemos despedir-nos definitivamente dum concelho e duma cidade onde a suave fragância do passado se confunde com as amorosas e doces recordações do presente.

Transitoriamente, porém, iremos respirar outros ares, sorver o aroma doutras flores, admirar outras paisagens.

Oxalá que a passagem do Letes nos não faça esquecer, como aos antigos, das belezas e maravilhas que outras terras encerram.

REINALDO FERREIRA,
SOUSA MARTINS.

(Fotos Álvaro Martins).

FIGURAS EXCÊNTRICAS DA NOSSA TERRA

O GÊNIO ORIGINALÍSSIMO DO ESTUDANTE TAPADINHAS

DESCOBRIR UMA NOVA CONSTELAÇÃO. — ESTUDAR PROFUNDAMENTE O INTEGRALISMO LUSITANO. — ODEIAR A MÚSICA. — TENTAR ALCANÇAR O REINO DA MORTE, DENTRO DE UMA MALA DE VIAGEM

Ser excêntrico não é ser doido, porque então não haveria senão excêntricos nos manicômios. Ser excêntrico é ter qualidades estranhas, diversas das da maioria dos mortais. Por vezes, a excentricidade provém do excesso de inteligência e de imaginação. É esse excesso que produz o desequilíbrio que nos fere a atenção. A excentricidade é, portanto, o desequilíbrio e, ao contrário do que muita gente julga, ser desequilibrado não é ser doido.

Os grandes filósofos, os grandes escritores, os grandes homens de ciência são, na sua maioria, desequilibrados. Vivem na abstração das ideias e não reparam nas realidades mesquinhas. São quase sempre descuidados, distraídos, o que origina cenas curiosas que se prestam ao ridículo. Contaram-nos uma vez de um homem de grande



excesso de inteligência, se na dos excêntricos por tacañez mental. Um psicólogo, um psiquiatra talvez alcancem, com mais facilidade do que nós, a rigorosa definição.

Tapadinhas é um rapaz dos seus vinte e um e vinte e dois anos, rosto abolachado, olhar inexpressivo, boca breve, cabelo apartado ao lado, que umas vezes de *paletot*, outras de capa e batina costuma aparecer ali pela *Brasileira* e pelo *Café Chiado*. Não tínhamos o prazer de o conhecer, mas ele talvez porque adivinhasse que nós gostamos do convívio de pessoas excêntricas, um dia fez-nos a sua própria apresentação.

— Tenho muito gosto em conhecê-lo, sr. Tapadinhas...

Ele é amável, extremamente amável, gosta de observar. Por isso no dia em que nos conhecemos quis por força que aceitássemos vários cafés bem açucarados.

— O sr. Tapadinhas é então uma pessoa estudiosa...

Confessou-nos que sim, que gostava muito de estudar, psicologia, principalmente.

— Psicologia?

— Sim, psicologia.

— E que entende o sr. Tapadinhas por psicologia?

Estava, com esta pergunta, lançado o fogo ao rastilho de uma discussão. Tapadinhas tem a expressão difícil. É como a palavra teima em não brotar fluida e transparente dos seus lábios breves, pede auxílio à mão em garra, que agita no ar, como se estivesse agarrando e torcendo os vocábulos para conduzi-los ao seu destino.

— Psicologia, meu amigo — dizia-nos ele com uma chama de entusiasmo no olhar — é a ciência que estuda a alma.

Era possível que a definição de Tapadinhas estivesse rigorosamente certa, cremos mesmo que estava certa, mas não sabemos que diabólica inspiração nos levou a contrariá-la, a negá-la.

— Tapadinhas amigo — dissemos — para haver uma ciência que estude a alma é necessário que a alma exista. Eu não acredito na sua existência. O que é a alma? Onde reside a alma? Que substâncias a constituem?

Não se mostrou Tapadinhas contente com a nossa ousadia. E para nos levar de vencida, tentou durante uma hora bem puxada esmagar-nos com a sua dialética confusa, nebulosa como uma manha de nevoeiro.

Não chegámos a acôrdo. O estudante não foi bastante eloquente para se fazer entender. Mas nós, quando ele se afastou visivelmente exausto pelo esforço de inteligência que fizera, quedá-

mos meditando naquele Tapadinhas estranho em cujo pensamento talvez existissem maravilhas ocultas, como as pérolas no fundo do mar.

A nossa meditação foi interrompida pela presença do Sousa, rapaz alegre, de permanente bom humor, que gosta de gozar os espectáculos ridículos da vida.

Explicamos-lhe o encontro ocasional e a espontaneidade da apresentação.

O Sousa, enrolando um cigarro de onça, sorriu e perguntou-nos:

— Que opinião forma Você do Tapadinhas?

Verificamos então que não tínhamos opinião formada. Parecia-nos um excêntrico, mas não tínhamos a certeza.

— Ali naquela cabeça há qualquer coisa — asseverámos. — O rapaz tem todo o aspecto de um pensador. Sim, ele deve pensar muito, mas a palavra é que não o ajuda. Se fôsse possível ler-lhe o pensamento através da cabeça bem pentada, como se vêm os peixes irrequietos através do vidro de um aquário, verificaríamos que Tapadinhas guarda no cérebro ideias deslumbrantes como sóis. Enganar-me-hei? É possível...

O Sousa escutava-nos, sorvendo fumaças e sorrindo, incrédulo.

— Você — disse ele — possui um ânimo impressionável e uma imaginação fantasiosa. Tapadinhas não é nada do que o senhor imagina. Tapadinhas é simplesmente Tapadinhas, isto é, um rapazote de faculdades mentais bastante tapadas.



posição social que tendo de apresentar-se numa reunião cerimoniosa, envengou o seu traje de gala — sobrecasaca, crenos — e, só na rua, verificou que ia de chinelos. Olvidava as suas botas em casa...

Parece-nos que uma pessoa normalmente constituída não teria um esquecimento daqueles. Só excêntricos cometem destas *gaffes*.

Acontece também a excentricidade encontrar a sua origem numa inteligência curta e então oferecer-nos espectáculos admiráveis. Mas é curioso notar que nas suas risíveis extravagâncias o excêntrico inteligente pratica asneiras absolutamente idênticas à do excêntrico estúpido.

Ora, não sabemos se o estudante Tapadinhas se deve incluir na categoria dos excêntricos por



— É tapado?
 — Sim, um tapado.
 — Então como se explica que ele se encontre já no Instituto Superior Técnico? É porque estudou, assimilou o que lhe ensinaram nas escolas.

Sousa explicou-nos então que Tapadinhas, sendo de inteligência muito reduzida, possuía, entretanto, uma memória prodigiosa. Era incapaz de compreender o que lia, mas tinha a facilidade estupenda de decorar um livro inteiro.

— Então aquelas teorias que ele há pouco expôs sobre psicologia não passaram talvez de alguma leitura recente que ele se limitou a recitar, sem fazer caso da pontuação? — inquirimos.
 — Assim deveria ser — corroborou o Sousa.

E para definir melhor a categoria intelectual do estudante do Instituto Superior Técnico conton-nos um episódio curioso. Em certa aula, o professor fez uma pequena dissertação sobre astronomia. De todos os alunos foi Tapadinhas quem lhe prestou maior atenção. Tratava-se da constelação conhecida pela Cassiopeia.

— Esta constelação — elucidou o mestre — é perfeitamente visível no nosso país. Qualquer dos senhores, por uma noite estrelada, a pode distinguir da janela de sua casa.

Tapadinhas calou-se. Ficou a acarinhar no seu íntimo o formoso projecto de espreitar da janela de sua casa a Cassiopeia, cuja forma o professor desenhara na pedra. Ele mora na Baixa, num prédio de esquina. Parte das suas janelas deitam para a Rua Aurea e outra para a de São Nicolau. A qual das janelas deveria assomar para ver a famosa constelação? Tapa-



losas, porque alguém aventurou num berro que enchou toda a aula:
 — Viva o Tapadinhas!
 Este facto e outros convenceram-no de que era um grande homem, de incontestável valor mental. E começou a olhar com desprezo o próprio pai, que tem apenas dois méritos: uma pensão e um clarinete que toca com uma paixão absorvente.
 Tapadinhas parece que não gosta de música, porque censura o pai de abusar do clarinete.
 — Você — disse ele uma vez para o autor dos seus dias — em toda a sua vida nunca fez nada com geito. Nem no menos música...
 O pai ouviu-o com um sorriso amargo e respondeu-lhe:
 — Tens razão, rapaz. Quem olhar para ti dirá que, realmente, em toda a minha vida nunca fiz nada com geito.
 Tapadinhas é, ao que parece, um neurasténico. Tem crises de nervos. Em certas temporadas descre da vida, apesar desta lhe oferecer prodigamente inúmeros triunfos. E então pensa no suicídio. Que saibamos, já por duas vezes tentou acabar com a existência. Porque deseja Tapadinhas morrer tão depressa? Desgostos provenientes de amores mal correspondidos? Não nos parece porque, segundo nos consta, as criadas de servir formam longa galeria de suas paixões.
 Há em Tapadinhas qualquer mistério muito íntimo que não conseguimos penetrar.
 Um dia, impellido por um grande desespero, Tapadinhas passou um laço ao pescoço e tentou enforcar-se num bico de gás que tinha lá em casa. Mas a Providência velava. O bico de gás não ponde suportar o peso do suicida e caiu, salvando-o.
 Este facto impressionou-o. Alguma coisa de superior o tinha salvo milagrosamente da morte. Para se distrair, para esquecer as ideias lígubres que tanto o acabrunhavam, Tapadinhas começou a estudar o Integralismo.
 Como, servido por uma voz potente, altisonante, os discípulos o incumbiam sempre de dar vivas nas manifestações, pensou que deveria ter umas certas inclinações para a carreira política. Um propagandista hábil começou a convencê-lo das excelências do integralismo lusitano. Tapadinhas estudou o assunto durante meses seguidos. Comprou livros, pediu outros emprestados, devorou prospectos de propaganda, decorou fórmulas — mas não chegou nunca a compreender aquela teoria política. Tinha dúvidas e estava hesitante, principalmente, no problema religioso.
 Aborrecen-se do integralismo. Outros assuntos de transcendental importância vieram ocupar as suas atenções. Mais uma vez a ideia do suicídio se instalou no seu cérebro como um rei no seu palácio. A vida, em sua opinião, não merecia

a um grande cometimento, que honraria a Pátria que tão ilustre filho mostrava ao mundo assombrado.

É no dia seguinte, seguro da grande verdade que seus olhos haviam descoberto, ergueu-se de sorriso triunfal e exclamou, ante o espanto dos condiscípulos:

— Existem duas Cassiopeias: a da rua do Ouro e a de São Nicolau. A de São Nicolau descobri eu, meus amigos. É a constelação Tapadinhas.

Num entusiasmo indescrevível a aula em péso felicitou-o. E o professor teve mesmo de reprimir algumas manifestações excessivamente jubi-



ser vivida. Ideias pessimistas adejavam em sua cabeça, como morcegos numa gruta.

Mas Tapadinhas não atinava com a maneira de dar execução aos seus lígubres desejos. O desaire da primeira tentativa num bico de gás, fazia-o recuar pelo bom êxito da segunda. Esta deveria ser bem meditada para não falhar. Levou muitos meses a pensar, porque Tapadinhas embora seja de resoluções firmes, é de pensamento vagaroso.

Um dia encontrou a incógnita do problema que o preocupava. Foi uma ideia quasi genial, uma ideia que primava pela originalidade.

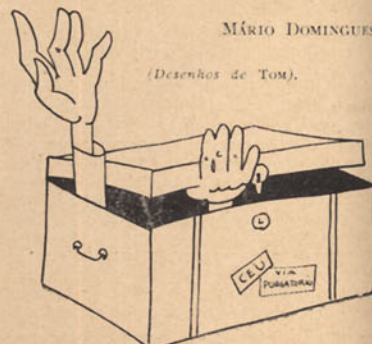
Tapadinhas não a comunicou a ninguém. Guardou a sua resolução bem no seu íntimo como um avarento o seu tesouro.

É Tapadinhas desapareceu. Ninguém sabia onde ele estava. Procuravam-no em vão por toda a parte. Teria emigrado para o Brasil? Ter-se-ia ocultado, como uma fera acossada, em algum buraco distante? Não se sabia.

O estudante pusera em prática o seu plano. Atentara contra a sua existência, fechando-se dentro de uma grande mala de viagem. Ali esteve encerrado durante muito tempo, aguardando a morte pela asfixia. Mas a morte, mais caprichosa do que a própria vida, não ligou a Tapadinhas a menor importância. Se passou junto da mala, onde o estranho suicida se encontrava, não entrou.

Cremos que o rapaz teria tido tempo de passar pelo sono. E quando acordou, com espanto verificou que ainda estava vivo. Que contratempo! Aborrecido do esconderijo, saiu da mala — ressuscitou. E até hoje, que saibamos, não tornou a procurar a morte, convencido talvez de que é imortal.

Muito teríamos a contar ainda do estudante Tapadinhas, mas como a História virá certamente a ocupar-se, no porvir, de tão curioso vulto, ficamos por aqui, que já não é pouco...



MÁRIO DOMINGUES.

(Desenhos de Tom).

RECORDAÇÕES DA GERAÇÃO "FUTURISTA,,...

AS HISTÓRIAS
DO
SANTA RITA
PINTOR

POR REPORTER X

DESENHOS DE STUART

A REDACÇÃO DE «A CAPITAL EM 1915—O CONGRESSO DO JANSEN—OS «FUTURISTAS»—O ÓDIO DE SANTA-RITA—OS CACETEIROS—O ENGENHEIRO PRODÍGIO—A ÚLTIMA FACÉCIA



Santa Rita — Pintor

Naquele fim de tarde, morno e luminoso, de Agosto, na redacção de *A Capital* havia grande parada de pessoal. Nenhuma outra gazeta podia basofiar de igual elenco de jornalista. Era um autêntico viveiro de «azes»...

Eles vão desfilar... O perfil chato e narigudo de Andre Brun; Avelino de Almeida, de cabeça ligeiramente tombada, uma ponta do lenço entre os dentes, seismando, com iris azuis fixas no papel; Hermanno Neves, precocemente obeso, olhos bogalindos, enrolando, com as

unhas roídas, o cigarro «Francês»; Júlio Dantas que então agitava o rodapé do jornal com o filme literário e histórico de «A Pátria Portuguesa», mordendo o lábio inferior, num *tic* muito seu e cavaqueado com Sousa Costa — agigantado, moreno, nervoso, os cabelos alisados para a testa, numa franja no estilo do Conde de Arnoso; Herculano Nunes, da cartoumância política, balxote, a cabeça irrequieta, ejaculando fumo pelas narinas dilatadas; o dr. Joaquim Manso, da «Poeira da Arcada», lábios comprimidos como se estivesse chupando um rebuçado, os músculos faciais vibrando sempre, os olhos míopes contemplando o soalho; Adelino Mendes, espadando, pescoço baixo e forte, pulsos largos, braços abertos, como asas, sobre a secretária, a caneta num *à la charge* vertiginoso sobre os linguados; Mayer Garcia, bamboleante, mãos cruzadas atrás das costas, eloqüente nas palestras como nos «fundos», a eterna «Marselhesa» em prosa, casquinando longas risadas, com os dentes mui brancos, mui cerrados; o dr. José Pontes, optimista, esbracejante, falando sempre e picando a sua conversa com repetidos: «Eh! Rapazes!»...

Era a hora de fechar o diário... Pela janela aberta sobre a Praça Luís de Camões entrava o éco da canção chilreada pelos pardaes, que copavam alegremente as árvores. Da tipografia vinha o ruído matraqueado do martelo da paginação... E Manuel Guimarães, o director, alto, estranho, oficial de quarto na ponte da pilotagem, passava, isolado, de um extremo ao outro da sala, num vai-vem de quilométricas passadas.

Súbito, Garibaldi Falcão, desdentado, mechido, de rosto ponteagudo por uma perita negra e satânica, topou, folheando a agenda, com um apontamento esquecido nos boletins de serviço:

— «Grande Congresso de artistas e escritores da nova geração para protestar contra a modorra a que os velhos os obrigam» — leu o secretário de redacção, fanhosamente...

Houve logo foguetame de comentários despreciativos: «Ora os futuristas!» «Os meninos a brincar.» «Os pinta-monos alienados e os produtores de estilo caricatural!»

— E quem assina o convite? — indagou alguém.

— José Pacheco, Almada Negreiros, Rui Coelho e Santa Rita...

Nova fusilaria... Malucos! Intrujões! Bébés malcreados do «Orfeu»!

Manuel Guimarães estava no meio da redacção; suspira fundo e alva os olhos, numa ex-



Mário de Sá Carneiro

pressão de esmagadora fadiga, como era seu hábito, sempre que inaugurava um diálogo, após um período de silêncio. E indiferente ao arame harpado que já se desbobinava em redor da notícia, investigou:

— Quando é?

— Esta noite, às nove horas...
 — Onde?
 — Na Cervejaria Jansen.
 Reflectiu; desenhou as mãos, espetou o indicador em direcção à banca onde eu rabis-cava, a snar, uma entrevista; e tornando a sus-pirar fundo, a gemer e a alvar os olhos, or-denou:
 — Reinaldo... Vá você lá... Ouça o que eles disserem... Você é um garoto como eles... De-vem entender-se... Faça depois meia coluna... Mas nada de vocábulos extravagantes... Se não irá tudo para o cesto dos papéis...
 E depois, como a explicar a si próprio as razões porque se interessava pelo Congresso, murmurou:
 — Devem ser pitorescas as reclamações dos futuristas...

As nove em ponto entrava no Jansen. O Jan-sen não se aperaltava ainda com os modernos criados encasacados. Era então um típico re-fúgio da mocidade do Chiado em harmonia com as tradições elegantes e literárias do século passado. Corria uma frescura consoladora sob as abóbadas da vasta sala de soalho axadreado. Dava, simultaneamente, a impressão de uma dependência conventual, duma cervejaria de Munique e de um *rendez-vous* de evencidos da vida. O Eça, o Ramalho, o Junheiro deviam tê-lo frequentado na sua época...

O único creado, um velho paçoço de as-pecto germânico, bonacheirão, bigodeira branca e olhos agorçados, servia-nos de casaco e aventa-branco. Chiamam na cozinha os bifés afa-mados, especialidade da casa. As canecas em-plumadas de espuma batiam nos mármore das mesas, orquestrando com os ecos prolongados das palestras...

Entre no Jansen, impando com a missão inesperada da minha reportagem. Ainda não fizera dezoito anos; mergulhara nas letras e no jornalismo dum salto leviano do instinto; esse instinto, por aguçar e por educar, fizera-me um simpaticante dos novos seísmas das artes e da literatura; acreditava neles numa fé ainda irraciocinada, mas vindo da burguezia precon-céituosa e afastada da pista dos conflitos intel-lectuais — não tivera ainda o menor contacto com as guerrilhas andazes da minha geração. E Manuel Guimarães facilitara-me o encontro, encarregando-me da reportagem daquele des-pretencioso congresso de futuristas...

Naquela época todos os dissidentes da mono-tonia ritual das artes e das letras eram acusa-dos de futurismo pela Inquisição dos Dogmas comodistas e retrógrados; e ser futurista era rotular-se a si próprio de Rídiculo, de Louco e de Indesejável. Um novo côro de côres ou uma frase nova ou mesmo um neologismo rútilo e eloquente, mas pouco usado bastava para irri-tar, para que os familiares do Santo Offício do



José de Almada Negreiros, poeta e príncipe dos desenhistas portugueses

Estabelecido devassassem o cérebro do ateu da Velha Beleza e para que o esturrassem no auto-fé da troça ou do silêncio.

E todos os rapazes da geração que tinham aquêcido o sangue da guerra no contraste entre as evoluções galopantes dos outros países e a sonolência do nosso; que formavam o esquadrão de *hussares* das novas idéas, mantinham esperan-ça de triunfo e de prémio em vida. Tão ce-gos estavam no misticismo da sua missão e no gôso de desvirginarem os novos horizontes que não viam o risco da sua ousadia.

Tôda essa geração, geração de primeira lin-ha, de primeira trincheira, foi sacrificada no circo romano dos Cesares velhos. As idéas e os princípios que eles abraçaram triunfaram — mas esse triunfo que hoje snavia a marcha da geração que lhe sucede já não os pode ressuscitar dos ventres das feras que os devoraram. Foi e será sempre assim, e em todos os ter-renos da luta. Os mais valentes soldados, os da avançada caem irremediavelmente; mas deixam as fileiras inimigas brechada de clareiras por onde os outros, os que veem atrás, hão de passar...

Os ritmos, o processo de litografar as visões pelas imagens irritantes; a expulsão dos luga-res comuns; o desprezo dos desenhos e das cô-res realistas pela nova música cubista; pelas novas partituras do arco iris que há quinze anos eram um insulto para a maioria — hoje são ex-gididos por essa mesma maioria que se consola em viver envolvida nesses caprichos de beleza. Os industriais, as leitoras ingénuas, os catitas da elegância burgueza, os fundadores de novas capas de livros, gravatas, móveis, papel para for-rar a casa que não obedecem aos estilos e à deco-ração modernas. E este o diagnóstico insofismá-vel da vitória! Qual foi o filho de merceeiro de 1914 que não gargalhou papalmente dos quadros das exposições avançadas da época? E são esses mesmos filhos de merceeiro que hoje preferem os *cache-cols* desenhados e coloridos pelo estilo desprezado há 15 anos!

E isto no jornalismo, no romance, nas artes plásticas, no teatro, no guarda-roupa, na deco-ração caseira! Vitória absoluta! E quem se apro-veita dessa vitória? Os iniciadores? Não! Os outros, os que fizeram a segunda à *la charge*. Os das primeiras trincheiras, ficaram pelo ca-minho, mortos uns, mutilados outros, e todos sacrificados.

Foi nesse Congresso de Protesto dos Futuristas que eu me relacionei com os franco-atira-dores da minha geração... Estavam lá todos...

Mário Sá Carneiro, o fundador do «Orfeu», gor-ducho, de cabelo apartado ao meio, bigodinho negro, autor, anos antes dum poema em que previa o seu suicídio em uma cidade cheia de ne-voeiro, dum país do norte — o que anos depois estoitou o crânio com uma bala, no seu *appartemen* romântico de Paris, não sei se pela honradez de não pagar uma letra romântica, se por enfartada da estupidez alheia; o Ferreira Gomes, miúdo, olhos glaucos, fatais, peito arti-ficialmente côncavo, as mãos encafuadas nos bolsos das calças, um *dilettante* de imitação das cabeças literárias, ora deixando crescer a barba e penteando-se, a recordar Alfredo de Musset, ora amputando o bigode até se transformar num Edgar Poe, em miniatura — o seu autor pre-dilecto; António Soares, franzino, falsamente fleumático, a dentadura mal coberta pelos lá-bios finos, o indicador sempre curvado em sa-cudidelas sobre a cinza do cigarro; o Jorge Barradas, o «Barradinhas», elegância cinematográfica, olhos azuis, cabeleira alourada e recorte craniano recordando a sua ascendência inglesa; o Viana, o «decadente», cheio de saúde e de pujança, torax inchado de lutador romano, e as mãos a repulcharem o cinto das calças, num gesto amarialvado; o «Stuarts», o maior caricaturista da geração, o terno estilizador da garo-tada, dos «Quins» e dos «Manecas», o sensual modelador de pernas de mulher, plebeu, be-zuntão, a barba sempre crescida, o colarinho sempre sujo, os pés metidos para dentro; o Rui Cuelho, germânico, de guedella à *Herr Pro-fessor*, óculos de pequenos cristais sempre mechidos e acertados pelos seus dedos nervo-sos; o José Pacheco, parisiense, *bar-gluch*, magro, enluvado, arlequin dos grandes pro-jectos do ópio, vestido pelas modas da alfaiate-ria que ainda não chegou a Portugal; o Correia da Costa, ribatejano ambicioso, a resumir todos os seus cálculos literários no sonho de caricaturista oral, para que fique dêle um repertório volumoso de anedotas e de «tonchés» sensa-cionais e maldizentes...; e o Santa Rita, pintor que...

É com Santa Rita, pintor, que eu quero preambular esta série de registos de magnézios do espírito da minha geração; das pilhas alegres da autropometria de um grupo de rapazes a quem se deve a europarisação do Portugal do século xx e que, sacrificados, ficaram sob a ameaça do esquecimento ingrato e injusto, na balburdia confusa do cemitério da sua grande guerra — soldados desconhecidos sem homena-gem.

Santa Rita, pintor, inicia a série, porque o valorizam tôdas as características de um speci-men. Poderia, com alguma paciência, juntar as economias da sua herança artística e com elas tecer um ensaio sobre a sua obra. Mas a grande



Jorge Farrinhas



José Paxeco



Fernando Pessoa — Álvaro de Campos

obra de Santa Rita, pintor, como aliás a de toda a soldadesca da legião a que pertencia, não está nos trabalhos materiais realizados: reside nos episódios aventureiros do espírito, nas façanhas extra-ateliers, nas sortidas de guerrilha, na valentia das suas proezas isoladas e pessoais — que foi o que apavorou o adversário e o venceu.

Santa Rita pintor, viveu larga temporada em Paris avizinhado com os artistas mais excêntricos que já formavam, em França, a terceira geração das novas escolas. E já em Paris éle se salientava, histrionicamente, preparando-se para representar na vida a obra de *blague*, de *chacota*, de *balonçada* risonha de que o seu espírito era autor e o seu corpo actor.

Quando appareceu em Lisboa, no regresso d'esse exílio, tiveram medo d'ele como de uma descida à terra de um fantasma. Era o papão das crianças que vinham à Baixa, dependuradas na mão da mamã, às compras do Grandela e do Chiado.

Alto, magro, da magreza afitiva de um galgo, costas abauladas, pescoço de galinácio mal segurando a cabeça que tomava sobre o peito; as espáduas a salientarem-se sob o casaco, como triângulos de madeira — dava a impressão dum poste de iluminação com o globo suspenso... O rosto escavariado, estreito, longo; os cabelos apartados ao meio e caídos sobre as orelhas — e todo trajado de negro... Negro era o chapéu, enterrado até à nuca, negras eram as luvas, a camisa, a gravata, as polainas, as botas... Arrastava-se pela rua como se fôsse entornado por um frasco imóvel de tinta de Nankin... Abriam-se clareiras à passagem — como se temessem que éle passasse pódo ou pingasse da negrura da sua pincelada.

Ignoro quantos quadros pintou — daquelas suas telas feitas para azedar a digestão burguesa em que éle até pedaços de seda colava, entre a bizarría alucinada dos coloridos e das formas; sei sim que os quadros da sua obra vivida se contam por centenas.

Inventava as histórias mais inverosímeis, onde muitas vezes a tragédia se dilatava como reflectida num espelho côncavo — sem que, por isso, deixasse de ser tragédia — e contava-as numa atitude, monossilabando muito as palavras, arregalando os olhos, desenterrando a voz de profundidades insondáveis do seu ser — como um *medium* em transe.

Um dia desalafou, numa roda de amigos, a sua côlera justificada contra a maldade de um companheiro, um poltrão hipócrita e velho, um Busebiosinho enfermizo e complicativo.

— Mato-o! Mato-o! — ameaçava Santa Rita fechando o punho ossudo sobre a mesa. Oh! Se o mato!

Houve um do grupo que o tomou a sério; e

conhecendo a absoluta ou aparente falta de energia do pintor, comentou:

— Ora adeus! Tu és lá capaz de fazer mal a uma mosca!

— Não digas isso! Juro que dou cabo d'ele...

— Pois sim... E como vais tu assassiná-lo?

— Escondo-me, à noite, num vão do corredor e quando éle entrar em casa e passar perto de mim faço-lhe: «Bé! Bé-bé!», e tenho a certeza que fle eni para o lado, fulminado...

Uma vez constára que éle, por espírito de contradição, declamava umas acusações políticas bastante graves para a sensibilidade da época. Abancára a uma mesa da «Brasileira» e vieram avisá-lo que três caceteiros o aguardavam à porta para o sovar rijamente. No primeiro instante Santa Rita perturbou-se... Ele nem o sócio sabia esgrimir, e o seu corpo, enfraquecido e diafino, ficaria de certo dolorosamente abalado se o medissem a palmo de bengala... Mas logo reconquistou a serenidade e foi buscar ao bazar do seu humorismo a droga de espírito que devia fazer o milagre. Ergueu-se e abordou os três marmanjões que o espreitavam, com ollares ameaçadores, de entre portas:

— São os cavalheiros que estão esperando o pintor Santa Rita para lhe pergurar uma sova?... — indagou com a voz aflantada que usava nestas ocasiões.

Os três entreolhavam-se surpreendidos. Um d'elles, dando um passo, como se tomasse a pergunta como basófia de desafio, respondeu:

— Somos... e quê?

— Os cavalheiros estão mal informados... Isso foi partida que algum maroto lhes pregou... O Santa Rita pintor não existe...

E batendo com as mãos espalmadas no peito estreitíssimo e ossudo, concluiu:

— Isto que os cavalheiros vêem aqui é tudo roupa... Existem sim, o sobretudo, o casaco, o colete, a camisa, as camisolas de Santa Rita... Mas o Santa Rita, propriamente dito, não existe...

Pavoneava-se (e pavoneia-se ainda) pelas colunas dos jornais lisboetas e pelas ruas e cafés da capital um gazeteiro emplumado de vaidades descabidas e esverdeado pelo azedume insolente que considera como legítima *révanche* contra os que, por inveja, teimam em não lhe reconhecer um génio, quimicamente puro. O citado jornalista goza há muitos anos da justificada fama de um imbecilidade acretinado e com uma lacuna total de educação.

Uma tarde, encostava-se a uma montra da Havaneza o citado escriba, retorrendo as guias da bigodeira kaiserresca quando passou Santa



Augusto Ferreira Gomes

Rita acompanhado por alguém que se tratava com o jornalista e que o saudou:

— Adeus, ó Fulano...

Santa Rita ao escutar o nome do jornalista, teve um sobresalto, dilatou os olhos e dirigindo-se-lhe, inquiriu:

— V. Ex.^a é que é o célebre e ilustre escritor Fulano?

O abordado, endireitou-se, sem saber se devia lançar aquela adjectivação a que estava pouco acostumado, à chacota ou à loucura.

— Pois não sabe V. Ex.^a há quanto tempo eu ambicionava conhecê-lo... É que nós sômos parentes, frutos modernos de uma compridíssima ramada gloriosa... E era precisamente sobre este assunto, para lhe revelar algo que muito o deve interessar que eu pretendia travar relações com V. Ex.^a...

O outro ficou-se, cada vez mais suspeito — mas ao mesmo tempo dominado pela sugestão quasi sobrenatural que Santa Rita punha em todos os seus discursos. E Santa Rita prosseguiu:

— As nossas famílias são de Barcelos...

— Perdão! Eu sou do Algarve.

— Somos de Barcelos, já disse!!!

E atremolando a voz explicou:

— Em 1325 vein estabelecer-se em Barcelos uma família aragonesa de apelido Vasquez. Era essa família composta por um matrimónio e oito filhos. O mais velho, D. Jaime, casou-se com D. Leonor Sanchez e teve cinco filhos; o mais velho fêz-se marinheiro e...

E durante meia hora Santa Rita, em voz lenta e declamatória, caminhou através dos séculos, narrando sobre a biografia dos descendentes do filho mais velho do casal aragonês, desde 1325 até...

—...Até que, em 1805, o dr. Luís Novais Vasquez Sequeira, ilustre advogado, tataraneto do D. Jaime, se casou com D. Constança Pais de Aguiar, tendo dois filhos, sendo um vivo e professor da Universidade de Coimbra.

«O segundo filho dos Vasquez, D. Pablo, casou em 1344 com D. Urraca Godinho, e teve cinco filhos...»

E ei-lo de novo a prefurar aquela sombra de quasi seis séculos, acompanhando toda a história dos descendentes de D. Pablo até à actualidade...

— O terceiro filho do casal aragonês, D. Manuel Vasquez, casou-se em 1347...

Anoitecera; e o jornalista cretino e impertinente, sem coragem para interromper a fonografia do pintor, ollava, afitivamente, para o relógio da Mundial; remechia-se, nervoso e angustiado; suava como uma bica, metia os dedos entre os colarinhos e o pescoço que se perigasse morrer asfixiado.

E Santa Rita continuava:

— O quinto filho do Vasquez, D. Rodrigo... Calou-se; franziu o rosto, numa súbita mu-



Raúl Leal, «Prince de la Mort»

dança de expressão, e indignado, colérico, revoltado, exclamou:

— Arre! É preciso ser muito burro!

O outro pulou como se tivesse recebido uma chicotada, e inquiriu:

— Que diz o senhor!

— Que hei-de dizer! Tenho contado esta história da família dos Vasquez aragoneses a dezenas de pessoas — e ninguém até hoje quis que eu passasse da biografia do segundo filho. Eu já vou no quarto e o senhor ainda se preparava para a onvir até ao fim! É preciso ser imbecil de todo!

Recem-chegava a Lisboa um *filis-à-papa*, menino prodígio que se formára em engenharia na Bélgica e que andava pelos cafés exibindo-se como um Pacheco de máquinas juliovernescas — todo aperaltado num dandismo pretencioso e irritante. Uma manhã em que Santa Rita pagava, no «Royal» do Cais do Sodré, o seu chá e torradas, despertando a longa meia de mulher onde costumava trazer o dinheiro — um conhecido apresentou-os.

— O Santa Rita... O sr. Cierano...

— Muito prazer... — murmurou o outro entre salamaleques... V. Ex.^a é...?

— Sou pintor. É V. Ex.^a?

— Engenheiro.

— Ah! Engenheiro! Tem graça... Eu ando precisamente, há mais de dois anos, estudando uma máquina que deve revolucionar toda a engenharia moderna.

E ante os olhares arremelhados do menino prodígio, Santa Rita desenterrou do colete um lápis enorme e começou a desenhar, sobre a pedra da mesa, roda dentada, correias, cilindros, bobines...

— Liga-se este tubo à caldeira — explicava. — Depois, traz-se a força motriz, multiplicada, para este engenho, que por sua vez...

E durante um longo quarto de hora rabiscou, traçou, fez cálculos, rodela, previu desequilíbrios, gastos, intensificações — sempre seguido pela atenção atontada do menino Cierano. E ao terminar, o menino Cierano limpa a um lenço de seda a fronte húmida — e perguntou, com a gravidade de quem ousa dirigir uma interrogação ao mestre:

— É essa máquina que V. Ex.^a, sr. Santa Rita, me citou, serve para...?

O pintor encolheu os ombros, prefixou o olhar, e numa confidência, confessou:

— É o que me falta descobrir! Para que diabo há-de servir esta máquina!!!

O admirável Stuart de Carvalhais teve a etiqueta-lo, durante muitos anos, a fama, aliás saborosamente merecida, de Tenório à la minute. E esta celebridade espantava quem só o conhecia de aparência e o via desmazelado, indiferente com a sua pessoa, botas por engraxar, barba por fazer, as unhas por cuidar...

Certa vez, pontificava Santa Rita numa *peña* de amigos, recordando episódios da sua vida parisiense — quando da mesa se abeirou, descurado como um garoto, o bom do Stuart. Santa Rita cala-se; fita-o; muda de atitude e de voz — e Stuart estremece. Ele bem sabia o que significava aquela metamorfose; ele bem pressentia que a vítima da *blague* da tarde seria a sua pessoa.

— Aqui está um portuguezinho valente — começou Santa Rita — dos que deram brado em Paris, nisto de conquistas... É que sorte que tinha o maganão! Boca onde ele pusesse os olhos, os lábios vinham logo pilha-a! Hei-de lembrar-me sempre dum episódio sintomático... Eu lhes conto...

Calou-se a tomar fôlego sob o olhar vigilante e assustado de Stuart que procurava, em vão, um pretexto para se escapulir.

— Eu costumava ir todas as manhãs ao *atelier* do Stuart — um admirável refúgio para um artista, em Montmartre. Uma vez — recordo-me bem — ao sair de minha casa para a visita quotidiana, deparou-se-me, à esquina da rua uma velha a vender abrunhos! Era uma megrê repelente, desdentada, de guedelha em farripas e um fartum a suor que metia mêdo. Mas vendia abrunhos! Abrunhos! Senti saudades de Portugal e comprei-lhe uma dúzia dêles que fui comendo pelo caminho.



O grande illustrador Stuart Carvalhais

«Ao chegar ao *atelier* do Stuart, presenti-lhe uma certa contrariedade; ficou impaciente, nervoso, mal disposto. Ora eu sabendo de gingeira as diabruras de amor que o nosso Stuart tinha praticado em Paris, fiquei logo com a pedra no sapato! Tento! Aqui anda mulher... E disse-lho! Stuart então, numa grande intimidade, confessou-me o segredo da recepção pouco lisonjeira que me dera. Que sim! Que estava à espera de uma dama! A entrevista fôra marcada para as onze horas... Eram dez e meia...

«Senti-me agitado por uma grande curiosidade... Quem seria a felizada? A princesa Z...? M.^{lle} Y..., estrêla do Casino? Alguma pintora? Qualquer «Dama das Camélias» famosa que visse no Stuart o seu Armando Duval? E tão poderosa era em mim essa curiosidade que cometi a incorrecção de esperar, demorando-me a todos os pretextos — até que uma mão tamboriceu na porta. Era ela, com toda a certeza!

«Stuart, muito embaraçado, disse-me: — Eu bem te preveni! Como há-de ser isto agora?

«Não tem importância — retorqui, contente como um rato. Oculto-me atrás daquele biombo; ela entra, tu leva-a para a outra sala e eu safo-me!

«E assim foi. Escondi-me; e o Stuart, julgando talvez que eu não o espreitasse, foi ao pulverizador, perfumou-se; alisou os cabelos; abriu a porta... e entrou a velha desdentada, esfarripada e mal cheirosa que me tinha vendido os abrunhos, quando eu saíra de casa...

Santa Rita riu-se dos outros, dos sisudos, de todas as burguesias, até a um quarto de hora da morte. Havia já um longo mês que uma febre o escaldava, no leito, sem se ter formulado ainda um diagnóstico certo que permitisse à ciência atacá-la proficilmente...

A família, assustada, reclamou uma conferência médica. Três médicos acudiram, auscultando-o, apalpando, investigando — para depois se reunirem junto a uma janela, numa conjura de murmúrios. Santa Rita observava-os e ria-se da impotência científica e do atontamento que se espelhavam no seu rosto. Por fim, tentando ainda modelar a voz no tom protocolar das suas célebres *blagues*, chamou-os e perguntou-lhes:

— Onçam, doutores... Isto não será febre de África?

Febres de África? E os três clínicos entrolharam-se na esperança de ter dado com a pista labirintica daquela misteriosa enfermidade. E um dêles indagou:

— O senhor esteve então em África?

— Eu? Nunca! Mas às vezes... São dessas coisas... Podia ser...

E enquanto os médicos, desiludidos, se enfraçavam no seu conciliatório, Santa Rita entrava risonho e feliz pela partida pregada, numa agonia suave; e um quarto de hora depois expirava.



— A máquina ainda não sei para que servirá!..



Amaral



Amaral



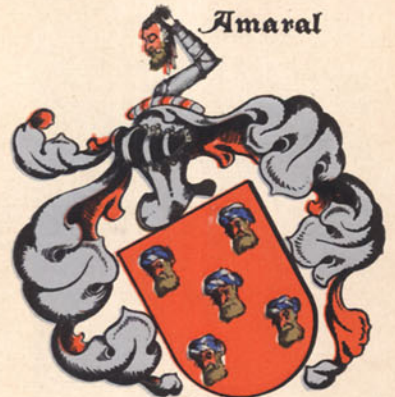
Amaral



Amaral



Ambia



Amorim



Anailha



Anasco



Anderson



Andia



Andrade



Andrade



A CAÇA E OS DESPORTOS EM AVIÃO

Vai ser um facto o desporto aéreo.

A idéa não é recente. Há dezasseis anos que o aviador Moorhouse se divertiu a perseguir com o seu aparelho uma garça real.

Pelo mesmo tempo Hamilton realizava iguais proezas de velocidade e direcção perseguindo corvos.

Em ambos os casos o avião venceu o pássaro e esse facto veio provar que um novo desporto surgiria mais tarde, logo que as máquinas de voar fôsem um meio prático de transporte, a sua perfeição lhes garantisse a docilidade do cavalo e a estabilidade necessária para permitir o tiro de carabina tão certo que pudesse atingir as aves do ar ou os quadrúpedes das montanhas.

será para os novos fillos de Santo Humberto a presa mais fácil. Um dos tripulantes ao volante, outro empunhando uma rede no género dessas que servem para apanhar borboletas, e está constituída a «parça» que saberá colher no seu próprio elemento os habitantes do ar.

Este novo género de desporto pode, em certos casos, tornar-se emocionante pelo perigo inesperado que o avião e os seus pilotos pelearão correr num combate com aves ferozes e de envergadura possante como as águias ou os condores.

A travessia Londres-Austrália já deu provas dos perigos de tais combates quando em vista da perseguição dum bando de abutres o aviador teve de aterrar antes de chegar a Sidney com graves danos nas asas do aparelho.

Esta nova maneira de caçar apresenta contudo grandes atractivos pelos quais merece bem a pena arriscar alguma coisa. O avião, subindo a qualquer altura, com a maior facilidade permite aos seus tripulantes o exame dum horizonte vastíssimo e assim a descoberta fácil dos animais procurados.

O aviador Latham, um dos primeiros «ases» do ar, provou experimentalmente ser absolutamente prático caçar a tiro do alto dum avião. A experiência feita na Califórnia deu-lhe bom resultado, conseguindo abater, logo à primeira tentativa, uma cabra montesa e muitas outras de-

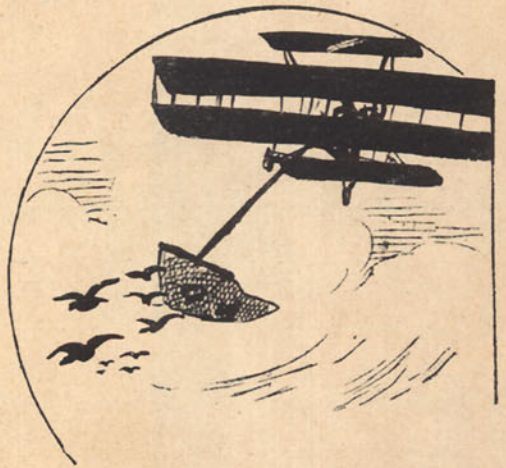
Outros géneros de desporto vão ser praticados em avião.

O super-alpinismo, por exemplo. Há cumes que nunca foram atingidos *subindo* e que poderão sê-lo agora, *descendo*...

O «Polo» também já foi tentado e os primeiros resultados prometem continuação. A bola empregada é um balão cheio de hidrogénio que os jogadores tentam manter numa zona restrita não consentindo que o vento o leve. Como é fácil de conceber, a luta deve ser renhida dando azo a manobras difficilmas e a verdadeiros prodígios de técnica tanto da parte do jogador como do piloto.

Este novo campo aberto ao desporto, que é sem dúvida alguma o mais vasto de todos, irá ter infelizmente o seu martirologio, mas... quantas vítimas não têm feito a caça em terra, a pesca e as corridas de cavalos? Quem sabe mesmo se no decorrer de séculos o sisudo xadrez ou a bisca de família não terão sido a causa de mortes e desgraças! O perigo existe onde está o homem e como é agora tomou posse do ar, até as águias, dentro em pouco, serão obrigadas a convir na justeza da afirmação. As lebres já o sabem há muitos anos.

C. DE M.



Agora pensa-se novamente em caçar de aeroplano. Caçar não é bem o termo, pescar é mais próprio. O pato bravo, animal difficilmo de surpreender em terra e que voa a uma velocidade de 100 quilómetros à hora,

tiro do alto dum avião. A experiência feita na Califórnia deu-lhe bom resultado, conseguindo abater, logo à primeira tentativa, uma cabra montesa e muitas outras de-

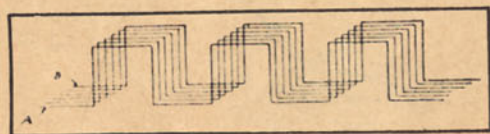




Passatempo

ILUSÃO OPTICA

No primeiro relance de olhos para este desenho, vêm-se as linhas correr da esquerda para a direita (em primeiro plano as do lado A e seguidamente, em outros planos mais afastados, as outras, até B); mas se tomarmos a linha B, como mais próxima de nós, passando-a com o olhar para o primeiro plano, vêm-se as linhas, dobradas em pórticos rectangulares, correndo da direita para a esquerda. Por outras palavras, o observador, olhando através dos pórticos, vê, no



primeiro caso, o lado esquerdo dêles, e no segundo, o lado direito.

Ele: — Não encontro o meu guarda-chuva novo em parte nenhuma.

Ela: — Ah! emprestei-o ontem à noite ao Silveira. Estava a chover tanto quando ele saiu de cá.

Ele: — Então, com certeza nunca mais o tornamos a ver!

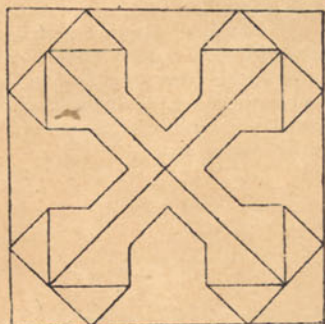
Ela: — Credo, filho! que falso testemunho!

Ele: — Pois, eu tinha-lho pedido emprestado a êle, a semana passada.

A MESA DE MOSAICO

(Solução)

A figura, aqui junta, resolve por completo o problema, como os leitores podem verificar, recortando as três do enunciado, depois



de decalcadas, e reunindo os pedaços em que elas forem decompostas pela maneira que o desenho indica.



O criado do restaurant (para o frêguês que não dá sinais de se mexer): — O senhor tem a bondade de desculpar, mas nós vamos fechar as portas.
O frêguês: — Está bem! Cuidado, não balem com elas!

QUAL ERA O FERRO

O Padre: — Fiquei com pena de o encontrar em tão lastimoso estado, a noite passada, sr. Bonifácio.

O Bonifácio: — É verdade, senhor; eu não devia teimar em andar de pé quando estou embriagado.

Um criado apresenta-se na estação do correio de certa pequena vila e pergunta ao empregado:

— Tem aí alguma carta, posta restante, para o sr. Azevedo, que é o meu patrão?

— Vocemecê trás a necessária autorização para retirar a carta?

— Não, senhor.

— Então vá buscá-la.

O criado parte correndo e volta d'ahi a dez minutos, com o documento exigido.

O empregado pega-lhe, examina-o, procura na gaveta e por fim diz com o tom mais tranqüillo dêste mundo:

— Não há carta nenhuma para o sr. Azevedo.

O pai dela: — O senhor, provavelmente, imagina que se casar com minha filha, eu lhe vou dar sociedade nos meus negócios e proporcionar todos os meios de fazer fortuna, não é verdade?

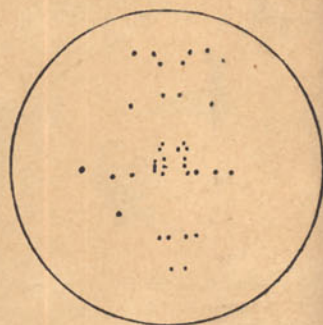
O pretendente: — Oh! não senhor, não sou tão ambicioso. Afianço-lhe que estou pronto a casar com ela apenas pelo sustento, vestir e calçar e algum dinheiro para a algibeira.

O QUE REPRESENTA ESTE DESENHO?

(Problema)

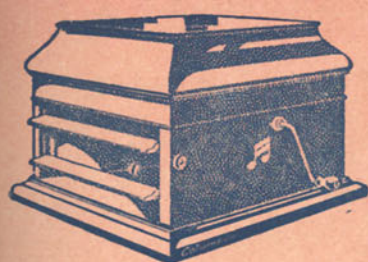
Neste círculo há um desenho; mas um desenho em embrião e mais nada. O desenhador tinha que representar certo objecto, e depois de tomar as medidas para o fazer com as proporções exactas, abandonou o trabalho, não sabemos porquê.

Que objecto era o que êle ia desenhar? Se alguém o quer saber, não tem mais que unir



por meio de rectas os pontos com que o artista indicava as dimensões, e depressa dar com a solução.

Devemos advertir que ao desenhador lhe caíram sobre o papel dois pingos de tinta, e por conseguinte sobram no problema dois pontos, que não diremos quais são. Além disso, não afirmamos que o círculo esteja colocado de maneira que o objecto fique na sua posição natural; como é um círculo, pode o leitor dar-lhe tantas voltas quantas tiver por conveniente.



SENDO O MELHOR GRAMOFONE

RECOMENDAMOS PARA OUVIR



A
NOSSA EXPERIENCIA está á
vossa disposição para a escolha do
modelo adequado a V. Ex.^ª

O «VIVA TONAL» COLUMBIA 1929
é o melhor gramofone que se conhe-
ce. Esta afirmação é baseada nas opi-
niões de eminentes musicos e peritos.
Não encontrará melhor por muito di-
nheiro que deseje gastar.

Convidamo-lo a OUVIR uma GRAFO-
NOLA COLUMBIA SEM QUALQUER
OBRIGAÇÃO.

Os nossos revendedores estão á vossa
disposição assim como os

COLUMBIAS PORTATEIS

Desde Esc. 750\$00 a 1.800\$00

MODELOS DE MESA

Desde Esc. 1.650\$00 a 1.800\$00

OUTROS MODELOS

Desde Esc. 2.400\$00 a 5.500\$00

AGENTES GERAES

P. SANTOS & C.^A L.^{DA}

Rua Garrett, 57-59-61

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
 AFRONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
 AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
 AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
 ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
 ANTONIO BAILO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
 AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
 BRITO CAMACHO, escritor.
 CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da História da Colonização do Brasil.
 CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
 CORELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
 EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
 HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
 GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
 HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
 HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
 JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Pública, professor.
 JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
 JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
 JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
 JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
 JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
 JOSÉ JOAQUIM NEVES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
 JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
 JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa.
 JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camioneiros na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
 JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
 LUIS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
 MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
 MANUEL DA SILVA GATO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
 MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
 MOSES BENHARAT AMELACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
 F. M. LARANJO CORREIO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
 QUIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
 REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
 RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
 S. COSTA SANTOS, escritor.



HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA

Está publicado o fascículo XII, completando o

I VOLUME

desta grandiosa obra e contendo o INDICE,

CAPAS DE BROCHURA ESPECIAIS,

ROSTO e ANTE-ROSTO do 1.º volume

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS :

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

| | | | |
|----------------------------------|---------|---------|---------|
| | 3 meses | 6 meses | 1 ano |
| Assinatura (pagamento adiantado) | 30\$00 | 59\$00 | 118\$00 |

| | REPARTIDO | | |
|---|-----------|--------|---------|
| ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHIA | 34\$50 | 67\$00 | 132\$00 |
| ÍNDIA, MACAU E TIMOR | 36\$00 | 79\$00 | 138\$00 |
| ESTRANGHEIRO | 37\$00 | 74\$00 | 142\$00 |
| Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem | | | 10\$00 |

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PAGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

CONTRA

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cores.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00